

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

ZALUAR, Alba Maria. Alba Maria Zaluar (depoimento, 2017). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (2h 27min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre BANCO SANTANDER. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Alba Maria Zaluar
(depoimento, 2017)**

Rio de Janeiro

2017

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): Celso Castro;

Técnico de gravação: Ninna Carneiro;

Local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

Data: 23/05/2017 a 23/05/2017

Duração: 2h 27min

Arquivo digital - áudio: 2; Arquivo digital - vídeo: 2;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Memória das Ciências Sociais no Brasil”, desenvolvido com financiamento do Banco Santander, entre janeiro de 2016 e dezembro de 2020, com o objetivo de constituir um acervo audiovisual de entrevistas com cientistas sociais brasileiros e a posterior disponibilização dos depoimentos gravados na internet.

Temas: Administração pública; Alberto Passos Guimarães; Anos 1960; Arquivos pessoais; Ato Institucional, 5 (1968); Brasil; Carreira acadêmica; Ciências sociais; Colégio Militar do Rio de Janeiro; Colonialismo; Comunidades religiosas; Comunismo; Conflitos sociais; Cultura; Drogas; Ensino primário; Ensino superior; Europa; Exílio; Família; Favela; Financiadora de Estudos e Projetos; Formação acadêmica; Formação profissional; Funcionalismo público; Golpe de 1964; Governo federal; História de vida; Infância; Inglaterra; Instituições acadêmicas; Juventude; Magistério; Movimento estudantil; Museologia; Museu Nacional; Obras de referência; Partido Comunista Brasileiro - PCB; Paulo Lins e Silva; Pensamento político; Perseguição política; Pesquisa científica e tecnológica; Pobreza; Poder público; Política; Portugal; Pós - graduação; Previdência social; Regime militar; Religião; Segurança pública; Serviço Nacional de Informações; Suécia; Universidade de São Paulo; Universidade Federal do Rio de Janeiro; Viagens e visitas; Violência;

Sumário

Entrevista: 23 de maio de 2017

As origens familiares em Portugal; a chegada da família ao Brasil e as dificuldades financeiras; a experiência do pai no colégio militar; a participação no movimento estudantil e no partido comunista; o golpe militar e perseguição aos alunos da faculdade de filosofia; os depoimentos nos órgãos de inteligência e a influência do pai; o exílio na Suécia; a receptividade na Europa; as origens familiares na Europa e o interesse cultural; as relações entre os familiares; os primeiros estudos na infância e juventude; o interesse cultural da família; o interesse pelas ciências sociais; as discussões políticas na família; o trabalho social do pai; a relação com Alberto Passos Guimarães e a perseguição política; as expectativas com o movimento estudantil; a relação com Armênio Guedes; a relação com professores na graduação; os professores conservadores; o curso na Inglaterra e o amadurecimento pessoal; a experiência na Suécia; as relações entre exilados; o primeiro contato com Manchester; as reflexões sobre conflitos colonialista; os cursos de pós-graduação na Inglaterra; as relações de preconceito de ingleses com estrangeiros; a solidariedade entre os ingleses e o National Real Service; a gravidez e o afastamento da academia; o AI-5 e o exílio do pai; o retorno ao Brasil em 1969; o concurso no Museu Nacional; a pesquisa sobre burguesia nacional; a perseguição política; o retorno à Europa; os cursos em museologia; o interesse por estudos da religião; a dificuldade em acessar arquivos pessoais de pesquisadores; a opção por estudar comunidades religiosas no doutorado; o Instituto de Estudos da Religião (ISER): ingresso e a fundação da revista do instituto; a relação entre maternidade e carreira acadêmica; a resistência ao ingresso na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); o ingresso na Universidade de Campinas (Unicamp) e as relações com os professores; a perseguição política pelo Serviço Nacional de Informações (SNI); a atuação na Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP); as pesquisas sobre pobreza na Cidade de Deus; a resistência na FINEP sobre as pesquisas; o doutoramento na Universidade de São Paulo (USP); a Cidade de Deus: os desdobramentos das pesquisas na região, a violência, o acompanhamento do livro sobre a comunidade; a relação com Paulo Lins; os problemas entre Paulo Lins e Ailton Batata; a pesquisa com ex-traficantes; as entrevistas com Ailton Batata; o trabalho com narrativas de vida; a recepção do livro *Máquina Revolta* no meio acadêmico; o reconhecimento das pesquisas sobre violência; o plágio na academia; a crítica sobre as percepções da violência e o termo genocídio; a rotina de viagens entre Rio de Janeiro e Campinas; os problemas de saúde; o retorno à Unicamp; a aposentadoria; o Ingresso no departamento de Medicina Social; as pesquisas sobre vitimização e violência; o trabalho com administração pública; o trabalho com moradores de comunidades; o convite para Stanford; as orientações de doutorandos; o ingresso no Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP); o trabalho com violência e a crítica ao poder público; as críticas ao Estado brasileiro e a política antidrogas; a importância das campanhas de prevenção ao crack; as obras literárias influenciadoras.

Entrevista: 23 de maio de 2017

Celso Castro – Bom, Alba, em primeiro lugar, obrigado por ter aceito o nosso convite.

Alba Zaluar – Imagina! É um prazer.

C.C. – A gente vai seguir a sua trajetória pessoal, biográfica, acadêmica... As coisas se misturam. Queria começar perguntando sobre a sua família de origem, seus pais, e a sua educação. Isso antes ainda da faculdade.

A.Z. – Então. Minha família é uma família muito interessante, eu acho, porque, do lado meu pai... Esse nome Zaluar vem com o meu bisavô...

C.C. – De onde?

A.Z. – ...que era português, poeta, literato. Ele vem de Lisboa, porque ele participa de uma revolta que exigia a volta da Constituição, ligada a Dom Pedro IV, aquela revolta liberal, e ele é desterrado para o Brasil. Aliás, o pai dele, que trabalhava na Corte junto com... Inclusive, ele veio para o Brasil com Dom João VI, mas voltou com Dom João VI. [O pai dele] diz para ele: “Vá para o Brasil, meu filho, porque lá nós temos amigos”. O que quer dizer isso? Era a maçonaria. Eles eram maçons. Então, meu bisavô vem para cá com uma mão na frente e outra atrás. Ele estava fazendo o curso de medicina, mas teve que largar no último ano. Ele chegou aqui, assim, fundou jornais – todos faliram –, fundou colégios, inclusive um aqui em Botafogo, escreveu peças teatrais e traduziu muito. Ele sabia muito bem francês, então, ele traduzia aqueles folhetins. Só que como eles chegavam de navio, às vezes custava muito, aí ele ia inventando a história, e depois ele amarrava de novo os capítulos que chegavam. E acontece

que ele sempre viveu muito mal, sempre... Tinha dinheiro, depois o dinheiro ia embora... Então, meu pai viveu numa... E com esse... O pai dele era pobre, mas casou-se com uma senhora rica, de uma família baiana rica. Mas aí, por essas coisas que aconteciam e ainda acontecem, provavelmente, no Brasil, o irmão mais velho do meu pai dilapidou a fortuna da mãe e meu pai, então, foi posto na Escola Militar, porque o pai dele era militar. Ele era um órfão da pátria: o pai dele tinha morrido, se não me engano, em consequência de ferimentos na Guerra do Contestado. Então, meu pai tinha a educação dele garantida, só que era no Colégio Militar. E assim foi a vida toda. E ele não gostava, não gostava da vida militar, e ele saiu no último ano da Escola Militar, depois de ter feito várias amizades na Escola Militar. De certa forma, eu me beneficieei muito disso. Porque assim que eu entrei para a faculdade, eu me engajei no movimento estudantil e fui recrutada, como se dizia naquela época, para o Partido Comunista Brasileiro, que tinha uma enorme base lá na Faculdade Nacional de Filosofia [FNFi]. E foi uma época fascinante. Eu aprendi muito, muito mais do que nas salas de aula, porque eu era do CPC da UNE, eu era do CPC da FNFi, eu assistia às reuniões de base, que eram semanais, no sábado. Depois dizem que carioca só gosta de farra. A gente, em vez de ir para a praia, ia para a reunião no Marquês de Herval, no Edifício Marquês de Herval. E, lá, ficávamos discutindo os destinos do país. Quer dizer, eu, ouvindo mais do que falando.

C.C. – Mas seu pai lhe ajudou...? Você falou que ele...

A.Z. – Sim. Eu vou te contar. Bom, e aí veio 1964. Mil novecentos e sessenta e quatro foi uma coisa extremamente traumática, porque ninguém esperava. Eu não esperava. Falava-se de que havia um movimento de direita e tal, que os militares sempre representaram um perigo. Meu pai foi a favor, por falar nisso. Mas acontece que havia... Nós tínhamos um problema maior. O problema maior que nós tínhamos chamava-se Eremildo Luiz Vianna, que era o diretor da Faculdade Nacional de Filosofia, e ele denuncia mais de cem alunos, não sei quantos professores – alguns que não tinham nada a ver, simplesmente por picuinha pessoal. Você imagina, eu tinha 21 anos ou 22 anos, por aí, então, tudo isso causou um impacto tremendo em mim. Eu fiquei praticamente em estado de choque. Nos últimos anos da faculdade – foram mais dois anos que eu fiz, até concluir os cursos –, eu vivia em estado de choque. Primeiro que tinha que jogar fora livros, esconder livros na casa de parentes, e a gente vivia se encostando na parede, encontrando os alcaguetes que entraram, penetraram no Partido Comunista. Nós não

tínhamos a menor habilidade nem consciência de todos os perigos que a gente corria, então, estava coalhado de gente infiltrada, e eles ficavam nos marcando, nos perseguindo nos corredores. Só com o olhar, Celso. Isso era o início... Era a *ditabranda*; não era a ditadura, ainda. Bom, e aí consegui terminar o curso. Só que, durante o último ano, eu fui chamada duas vezes para depor no IPM da Faculdade Nacional de Filosofia, e meu pai me acompanhou, e eles fizeram todas as chantagens possíveis, dizendo que meu pai era um homem muito bom, muito considerado e que ele estava ali na porta... Meu pai ficava na porta esperando eu sair. E que... “Olha o que você está fazendo com o seu pai. Diga quem eram seus colegas.” E a minha resposta... Eu vou chorar. [emoção] A minha resposta foi: “É, mas acontece que meu pai me ensinou que a coisa mais importante é a lealdade com os amigos”. Aí eles desistiram e me levaram para o Dops, me chamaram para ir para o Dops. E meu pai foi junto, também. Só que dessa vez ele já estava extremamente preocupado, muito preocupado.

C.C. – Mas ele tinha amigos que ele acionava?

A.Z. – Exatamente. Exatamente. Acontece... Ele formou-se em medicina, ele era médico, e ele cuidava dos amigos da Escola Militar de graça, dos amigos e dos familiares dos amigos, então, todos deviam a meu pai, e já eram capitães, majores... Inclusive o... Como é o nome do diretor do SNI? Sempre esqueço o nome dele, dá um branco. É famoso. Que deu os arquivos dele para o Elio Gaspari, que também foi meu colega na FNFfi. Ele fazia história e o Eremildo o expulsou do curso de história, em 1964.

C.C. – O Elio Gaspari... O Golbery?

A.Z. – Golbery, Golbery do Couto e Silva. Ele conhecia meu pai, gostava do meu pai.

C.C. – Ah, sim!

A.Z. – Então, meu pai foi lá comigo. Eu entrei numa sala com seis policiais, que me devoravam com os olhos e aí faziam as mais disparatadas perguntas, uma atrás da outra, papapá, “e isso, isso, assim?”. E eu já estava num sufoco terrível. De repente, a porta se abre e meu pai entra, senta do meu lado e diz: “Minha filha, agora você pode sair”, e olha para os caras, assim. Quer

dizer, ele estava com moral para fazer isso, não é? Eu imediatamente saí porta afora e fiquei esperando meu pai lá embaixo. Tinha umas pessoas também, amigas do Alberto, que é o meu ex-marido, que já estava na Europa. O Alberto logo foi embora; eu que fiquei aqui enfrentando essas coisas todas. E aí eu fiquei lá embaixo esperando. Daqui a pouco, meu pai desce e diz: “Você tem que sair do país”. Então eu suponho...

C.C. – Disseram isso para ele ou ele que percebeu? Ou os amigos disseram?

A.Z. – Não sei. Talvez tenham dito. Porque a situação era a seguinte: eu fui... O filho do Eremildo, que era anticomunista e a gente não sabia, era um dos infiltrados, e ele...

C.C. – Qual era o nome dele?

A.Z. – Não lembro. Eu sei que ele morreu de um câncer horroroso. E ele tornou-se secretário da base da ciências sociais e me designou uma tarefa. Você sabe que era assim, não é? “Faz isso! Faz aquilo!” Era tudo muito autoritário. E ele me mandou fazer as atas das reuniões. E eu fazia. Então eles estavam cheios de papel com a minha letra, que eles comparavam com as provas que eu tinha feito, estavam registradas, guardadas e tal. Não tinha internet, ainda, então era tudo com a nossa letrinha. E aí, pronto, eu estava toda encalacrada por causa disso. E eles queriam que eu desse o nome das outras pessoas, mas eu não dei. Então eu suponho que, quando me chamaram no Dops, era para eu ser presa. Meu pai é que me tirou dessa situação. E aí eu fiz as últimas provas e, antes de colar grau, eu fui embora, fui para a Suécia, onde o Alberto já estava. E lá era interessante, porque... Eu nunca me senti discriminada, assim, como estudante latino-americana.

C.C. – Isso na Suécia?

A.Z. – Na Suécia. E depois, na Inglaterra, a mesma coisa. Eles logo me aceitaram. Eu fiquei frequentando a biblioteca, estudando. Não fazia curso porque eu não entendia patavina de sueco, mas fiquei usando a biblioteca, não perdi o contato, e comprando livros. Li [inaudível] inteirinho. Aí deixei de ser comunista. [riso] Porque eu li a biografia do Lênin, li a biografia do Stalin... Aliás, primeiro a do Stalin, depois a do Lênin. Pronto.

C.C. – Desencantou-se.

A.Z. – Desencantei-me. E aí fomos para Manchester.

C.C. – Mas eu queria voltar um pouquinho. Você falou do seu pai. Queria que você falasse um pouco da família da sua mãe, também. Biancolina, não é?

A.Z. – Biancolina Pinheiro Zaluar.

C.C. – Seu pai era Achilles Emílio Zaluar.

A.Z. – Isso. A família da minha mãe também é interessantíssima, porque é uma família de imigrantes europeus: meu avô e minha avó vieram naqueles navios.

C.C. – Da Itália?

A.Z. – Não. Meu avô, da Espanha, e minha avó, de Portugal. Eles eram... Tinham o primário incompleto, liam e tal. Mas essa coisa da cultura europeia é impressionante, porque... Minha mãe me dizia: “Papai e mamãe iam toda semana ao Municipal ver ópera”. Daí o nome, Biancolina, porque eles ficaram amigos dos cantores de ópera, especialmente os italianos...

C.C. – Por isso que...

A.Z. – ...e havia essa professora de canto que ensinava canto para meu avô, que cantava, que me ensinava cantando ária de ópera, e eles deram à minha mãe o nome dela, Biancolina, que a minha mãe não gostava de jeito nenhum, então, ela adotou o apelido de Filhinha.

C.C. – Filhinha?

A.Z. – Isso. E eram muitos irmãos, então... E era assim, eram três irmãs portuguesas... Eram quatro, na verdade, mas uma foi para o Rio Grande do Sul e nunca ninguém mais ouviu falar

dela. Aí, uma casou-se com um espanhol, que é a minha avó; outra casou-se com um francês, que é da família Mortera; e a terceira casou-se com um italiano, a família Morizani. Então, as festas eram... E ficaram todos muito unidos, não tinha problema europeu entre eles. As festas eram cheias de doces e comidas mediterrâneas, porque eram todos do Mediterrâneo. Enfim, era muito interessante, porque se falava sobre tudo. E era da direita para a esquerda. Todos se entendiam. Minha mãe tinha primos integralistas, da família dos italianos, e tinha primos anarquistas, descendentes...

C.C. – Bem variado.

A.Z. – Pois é. Então... E todos se davam. Isso que eu achava interessante, porque todos se davam. Tinha aquela coisa de imigrantes, de um ajudar o outro.

C.C. – Seus pais tiveram quantos filhos?

A.Z. – Quatro.

C.C. – Você tem três irmãos.

A.Z. – Tenho três irmãos. Quer dizer, um já morreu. O mais velho já morreu.

C.C. – E vocês moravam onde, em que bairro?

A.Z. – Bom, eu sou a caçula. Eu nasci no Grajaú; depois vivemos uns poucos anos ali perto do Instituto de Educação, quando minha irmã estava estudando lá; e logo viemos aqui para o Jardim Botânico. Eu cresci mesmo aqui no Jardim Botânico, na rua Jardim Botânico.

C.C. – E você estudou aonde, em que colégio?

A.Z. – Eu comecei, no jardim de infância, no Instituto de Educação; depois eu fui para a Escola Pedro Ernesto, que é a escola ali do Jardim Botânico, escola pública. Aí ganhei várias medalhas: ganhei a Medalha Pedro Ernesto, porque fui a melhor aluna do distrito escolar;

ganhei outra medalha, do *Diário da Noite*... Não sei por que estou dizendo isso, porque eu nem tenho mais essas medalhas. [riso] Mas tive excelentes professoras, que me marcaram e que gostavam de mim, me incentivaram e tal. E em casa... Meu pai era uma pessoa muito culta. Ele tinha... É uma família de artistas plásticos: um primo dele, o Ari Zaluar, que era... ele fazia mapas e desenhava muitíssimo bem e pintava, também, e o filho dele é o Abelardo Zaluar, que é um artista plástico. Ele frequentava muito a minha casa. Então, meu pai tinha um monte de livro de história da arte e literatura. E eu sempre fui incentivada a ler, [inaudível], na biblioteca, na casa dele, e sempre se discutia, se conversava sobre literatura, ele com as minhas tias. Enfim, eu vivi nesse ambiente. Então os livros, para mim, faziam parte da minha vida.

C.C. – Mas e o interesse por fazer ciências sociais, quando é que surge?

A.Z. – Ah! Isso também é uma coisa bem adolescente, porque desde o primário eu era... Eu tinha uma amiga, uma amiga preferencial, a Maria Lúcia Teixeira, que se tornou Werneck Vianna e que era comunista desde criancinha. O pai dela era comunista. E ela que foi me convencendo de... Eu queria fazer psicologia; não queria fazer ciências sociais. Eu sempre gostei muito mais de psicologia, de biologia, neurologia. Eu queria estudar o cérebro. A minha filha faz isso. Mas ela acabou me convencendo que... “Esse negócio de psicologia não está com nada, vamos fazer ciências sociais”. Pronto, lá fui eu.

C.C. – Isso no final de 1961?

A.Z. – Foi no final de 1961. Aí eu fiz vestibular para a PUC, passei, e fiz vestibular para a FNFfi e passei, também. A PUC era paga, então, fui para a FNFfi. E lá foi isso que eu te falei no início, foi uma experiência de vida riquíssima.

C.C. – Mas você já tinha entrado para o Partidão, antes da faculdade?

A.Z. – Não.

C.C. – Não. Foi na faculdade.

A.Z. – Foi na faculdade que eu entrei.

C.C. – Bom, você já mencionou, era um período de muita...

A.Z. – Agitação.

C.C. – ...agitação política, também, não é?

A.Z. – É.

C.C. – Você falou do CPC da UNE, tem as reformas de base, o governo Goulart...

A.Z. – A gente vivia política, discutia política o dia inteiro. No Rio de Janeiro era assim, em cada esquina você via um grupinho de pessoas discutindo política, nessa época.

C.C. – Isso não dava problema com seu pai em casa?

A.Z. – Não, não. Nós discutíamos política, também. Dava problema entre meus dois irmãos: um era comunista, o meu irmão que é pintor, artista plástico, o Aloysio, e o outro, que era lacerdista. Eles viviam às turras. Isso também chateou bastante meu pai. Meu pai, não, ele era contra a ditadura do Getúlio... Ele era mais um liberal, como... Era uma família de tradição liberal. Então, ele era contra a ditadura do Getúlio, mas sempre muito ligado às coisas da cultura popular. Meu pai subia a favela para tratar de gente... Ele era do serviço público do IAPC e ele ia visitar os doentes nas favelas. Ele conhecia tudo. Ele tratava dos bebuns ali do Jardim Botânico, dos vizinhos... Ele teve um consultório com um primo pouquíssimo tempo. Ele gostava mesmo era disso, de tratar das pessoas, assim, sem cobrar nada, para desespero da minha mãe. Bom, então é isso. Aí tinha esse conflito dos meus dois irmãos. E, obviamente, eu me identifiquei muito mais com esse meu irmão mais novo, que também pesou, nessa hora de eu escolher o que eu ia fazer e como é que eu ia me orientar politicamente.

C.C. – E o Alberto, Alberto Passos Guimarães Filho, seu futuro...?

A.Z. – Alberto Passos...

C.C. – Você conheceu na faculdade?

A.Z. – Eu conheci na faculdade.

C.C. – Mas ele não fez física?

A.Z. – Fez física. Mas ele era do Partido Comunista. E nós éramos um grupo muito unido. A gente saía junto...

C.C. – Ele era mais velho.

A.Z. – É mais velho. É três anos mais velho que eu. A gente ia muito a ensaio de escola de samba; tinha o Zicartola ali na Praça Tiradentes, se não me engano; nós fazíamos reuniões musicais, também, lá no Centro Acadêmico, no CA da FNFi. E, além do mais, o Alberto começou a dar aula de matemática para mim, para a Maria Lúcia e para outras duas moças que eu já nem me lembro mais quem eram. E, bom, ele é excelente professor. Aí pronto. [riso]

C.C. – Abelardo e Heloisa, a história se repete.

A.Z. – Pois é. É engraçado que eu falei isso outro dia para a minha netinha... Eu cheguei lá na casa da minha filha, minha netinha estava aos prantos, porque não estava conseguindo resolver um problema de matemática e ela achava que tinha teste no dia seguinte. Mas ela soluçava. “Para que você está chorando? Liga para o seu avô.” Aí contei essa história para ela. Ela riu, relaxou, ligou para o avô, pronto, foi ótima no teste.

C.C. – Que bom. Aí vocês começaram a namorar, então, já durante o curso, não é?

A.Z. – Sim. E casamos em 1963.

C.C. – Em 1963?

A.Z. – É. Um ano depois.

C.C. – E quando veio o golpe, como é que ele foi afetado? Você já falou...

A.Z. – O Alberto? O Alberto estava no IPM, também.

C.C. – Ele saiu antes do Brasil, você falou.

A.Z. – Pois é. Ele estava no IPM, mas ele não tinha as atas com a letra dele; quem tinha era eu. E ele já era formado, já dava aula como professor. Ele sofreu algumas coisas de perseguição do César Lattes.

C.C. – Ah, é?

A.Z. – É. O César Lattes dizia para ele: “O CBPF estará muito melhor quando você for embora”. Coisas do tipo.

C.C. – Mas por causa da...?

A.Z. – Por causa do comunismo dele. Ele sempre foi excelente aluno e muito bom físico. Não era por aí. Então, o Alberto já estava formado e ele arrumou uma bolsa. Arrumaram para ele. Porque as coisas eram sempre assim, muito... Você sabe como é, capital social, os professores, que gostavam muito dele, arrumaram uma bolsa para ele ir para a Suécia fazer um curso lá de... Então ele foi. Ele foi embora em agosto. E eu só fui encontrar com ele em dezembro, quando eu consegui terminar os cursos.

C.C. – Então ele foi por conta da bolsa...

A.Z. – Da bolsa.

C.C. – ...e não, vamos dizer, fugido, ou perseguido. Ou as duas coisas?

A.Z. – As duas coisas. A gente não podia ficar aqui. Essa coisa do IPM era apavorante, porque a gente não sabia qual seria o desfecho disso tudo. As acusações eram terríveis: subversão...

C.C. – Você falou que foi uma surpresa, o golpe de 1964. Mas surpresa por quê? Pela falta de resistência?

A.Z. – Porque o mundo marchava para o socialismo.

C.C. – Vocês achavam que...

A.Z. – Sim. O mundo marchava para o socialismo e nós íamos ser vencedores. Depois, anos depois, a gente se encontra... “Ainda bem que nós não vencemos”. Você já pensou? Porque teve um momento em que aí começa a cisão dentro do movimento estudantil, que foi também uma coisa muito sofrida. Eu sofro muito com os conflitos. Sofri muito com o conflito entre meus irmãos. E dentro do Partido Comunista começou a haver uma cisão entre aqueles que queriam embarcar na luta armada, que se tornaram maoístas, guevaristas etc., e aqueles que continuavam achando que tinha que ir pela linha da democracia, que eram chamados eurocomunistas, porque liam Gramsci. E essa foi uma cisão terrível, porque nós éramos acusados de... Um pouco o que aconteceu agora, com essa história da Dilma e do PT. Se você é contra, você se torna um burguês, uma pessoa sem caráter, um traidor da classe operária, e por aí vai. Então tinha gente que chegava e dizia: “Você vai para o paredão”. Era assim. É, era assim. Na faculdade, a gente naquela situação, já oprimida, digamos assim, pelo desenvolvimento da ditadura, que ia apertando cada vez mais, e ainda tínhamos que ouvir isso da boca de um colega que estava outro dia abraçado com a gente. Foi terrível isso. E eu e o Alberto éramos da linha euro. Nenhum dos dois gostava de nada autoritário. A história do pai do Alberto. O pai do Alberto foi do Comitê Central. Ele era amigo dos baianos, da linha dos baianos, que detestavam o Prestes, por causa dessas coisas autoritárias do Prestes. Você está sabendo. Você está entendendo tudo que eu estou falando, não é?

C.C. – Sim, sim.

A.Z. – Você conhece tudo isso, provavelmente.

C.C. – Conheço. Alberto Passos Guimarães escreveu sobre a questão agrária, não é?

A.Z. – Isso. Mas tem isso, eles eram muito contra o culto à personalidade do Prestes, contra...

C.C. – É, já tinha ocorrido também a denúncia do stalinismo, que foi um choque.

A.Z. – Sim, em 1956. Isso foi tudo depois de 1956.

C.C. – Abriu uma cisão em todos os Partidos Comunistas, no mundo inteiro.

A.Z. – Pois é. E uma figura importantíssima, que era amicíssima do Alberto Passos e era muito chegada a nós, estudantes...

C.C. – Alberto Passos, seu sogro?

A.Z. – Meu sogro. [E uma figura importantíssima] e muito chegada a nós, estudantes, era o Armênio Guedes, que era uma flor de pessoa, super boa gente, o oposto de uma pessoa autoritária: conversava sobre tudo, discutia tudo, era uma pessoa extremamente aberta. E ele era... gostava muito do Partido Comunista Italiano, que era o que tinha... apresentava as coisas mais interessantes, do meu ponto de vista, mais coerentes, diante dos dilemas todos postos depois da descoberta dos famosos processos de Stalin.

C.C. – Agora, Alba, o curso propriamente dito de ciências sociais, nessa época, como era? Eu já entrevistei pessoas que estudaram nessa época e contam também do... A Wanda Torok era sua professora?

A.Z. – Foi. A gente expulsava ela todo ano e todo ano ela voltava. A Wanda Torok é isso. Aí tive um professor de história...

C.C. – De sociologia que ela era, não é?

A.Z. – Era Hugo... Hugo Weiss, pode ser? Eram dois irmãos, ótimos professores de história. Mas foi só até 1963. Em 1964 ele já não estava mais. Eu fui aluna do Luiz Costa Pinto, que falava, falava, falava e não tinha nenhuma conversa com a gente, não conversava, não dialogava com a gente. Esse me marcou muito pouco. Fui mais marcada pelos dois professores de história. Eram dois irmãos: um se chamava Hugo e o outro... Acho que era Hugo Weiss, mas não me lembro. Bom, e a outra professora é a primeira mulher do Wanderley, que era professora de filosofia, que deu um curso excelente, que me marcou muito. Até hoje. Eu gosto de filosofia por causa dela.

C.C. – Wanderley Guilherme dos Santos.

A.Z. – Do Wanderley Guilherme dos Santos. A primeira mulher, a mãe do Fabito.

C.C. – Agora, você fez, vamos dizer, metade do curso antes do golpe e metade depois. Mais ou menos isso, não é? Ou quase.

A.Z. – Depois é um vazio. Não me lembro de nada. Eu me lembro das aulas de antropologia da Marina...

C.C. – Marina Vasconcellos.

A.Z. – ...Marina Vasconcellos, que era uma coisa superconservadora e muito pouco interessante, para quem estava querendo saber dos conflitos do mundo na política...

C.C. – As aulas?

A.Z. – É. Ela me adorava, porque eu era boa aluna, mas não lembro das aulas. Eu me lembro ela falando de pitecantropos e... Ela dava muita coisa de antropologia física. Mas eu só fui aprender antropologia, mesmo, *pra* valer, em Manchester. Quando eu cheguei em Manchester... Eu estava lá com o meu histórico escolar, que foi uma coisa que eu tive ideia de tirar. Sem colar grau, peguei meu histórico escolar, pedi. E eu só tinha nota alta. Cheguei lá,

fui conversar com o pessoal lá do Departamento de Sociologia e Antropologia Social – era um departamento só, em Manchester –, e eles me perguntaram: “Isso aí é em *levels*?”. Eu disse: “É, é em *levels*”. Pronto, me aceitaram. Bom, é claro que eu tive que pagar, e bem carinho, aliás. Mas fiquei lá frequentando, fascinada, porque tinha tudo a ver: a antropologia que eles praticavam em Manchester, da Escola de Manchester, é exatamente sobre conflito...

C.C. – Muito a experiência...

A.Z. – ...e sobre a política. É mais uma antropologia política do que...

C.C. – Política. E dos africanistas também, não é?

A.Z. – Isso. Pois é. Eu fui aluna do Max Gluckman, do Clyde Mitchell, do Peter Worsley, Bruce Kapferer... Já ouviu falar?

C.C. – Sim, sim.

A.Z. – Esse cara é muito bom, também. Então eu tive excelentes professores. Eu ficava assim... Saía pelo ladrão, de tanta coisa nova. Eu ia a todos os seminários deles. Eles receberam vários... Receberam Goffman... Quem mais? Homans... Esse Homans foi uma coisa... Também uma lição para mim, porque esse Homans era um americano que estudava coisas de organização. Ele chegou lá e falou umas coisas que todo mundo já estava cansado de saber, e aí se vira um professor, depois daquele silêncio sepulcral, e o professor diz: “Quer dizer que você atravessou o Atlântico para chegar aqui e nos falar isso?!”. Aí eu aprendi que realmente você pode dizer a verdade. A partir dessa experiência, eu comecei a dizer tudo que penso, e paguei um preço, Celso, enorme por isso. Mas a minha escola foi lá em Manchester.

C.C. – Mas deixa eu perguntar antes um pouco sobre a Suécia, porque, antes de ir para a Inglaterra, você passou pela Suécia. Bom, o Alberto, seu marido, já estava lá. Em que cidade da Suécia?

A.Z. – Uppsala.

C.C. – Uppsala. E aí você foi. Ele fazia um curso. Era o quê? De física?

A.Z. – Física.

C.C. – Magnetismo que é a área dele, não é?

A.Z. – Era um curso para... física para subdesenvolvidos. Eu não sei exatamente; tem que perguntar para ele. Eu não sei. Mas a área dele é magnetismo.

C.C. – E aí vocês moraram...?

A.Z. – Como é que você sabe disso?

C.C. – Eu pesquiso um pouco. As moças me ajudaram ali na pesquisa.

A.Z. – É?

C.C. – E quanto tempo vocês ficaram na Suécia?

A.Z. – Bom, eu fiquei uns seis meses. Alberto ficou quase um ano.

C.C. – Gostou da vida lá? Como era?

A.Z. – Olha... A Suécia é linda e os suecos são extremamente gentis. É como eu disse para vocês, não me senti nem um pouquinho discriminada, ao contrário, todos queriam ajudar, recebiam muito bem e tal. Se bem que eles não podiam ajudar muito. É uma situação muito aflitiva, essa de você estar sem poder voltar...

C.C. – É uma espécie de exílio, não é?

A.Z. – É. Não pode voltar; as cartas levavam mais de uma semana para chegar; para falar no telefone, você tinha que marcar hora, e às vezes atrasava, era complicadíssimo, além de ser caríssimo. Então você falava raríssimas vezes pelo telefone. Então, é uma geração, a geração dos exilados... Eu tenho pilhas de cartas, pilhas de cartas, especialmente para a família, mas também entre os amigos. Pode ser que alguma coisa resulte daí. Vocês querem estudar essa geração? Peçam as cartas escritas entre os amigos.

C.C. – O que hoje não tem mais.

A.Z. – Havia uma grande atividade epistolar.

C.C. – E ir para Manchester... Como é que surgiu a ideia de ir para a Inglaterra? Bom, vocês não podiam voltar para o Brasil, sabiam disso.

A.Z. – Não podíamos voltar para o Brasil, o Alberto queria fazer o doutorado dele na Inglaterra, e ele foi aceito em duas universidades: foi aceito em Oxford e em Manchester. Eu queria ir para Oxford; ele queria ir para Manchester. Mas aí quem venceu? Eu detestei Manchester, quando eu cheguei lá, detestei, porque é uma cidade... É o oposto do Rio: cinzenta, chuvosa...

C.C. – Ontem aconteceu uma tragédia lá, de um homem-bomba que matou...

A.Z. – Eu sei. Mas hoje eu tenho o maior carinho. Isso foi uma coisa inicial, primeiro porque eu queria ir para Oxford, para ficar mais perto, porque nós tínhamos amigos em Londres, tinham vários exilados em Paris... Paris estava assim de exilado, não é? E estavam sempre assim, Paris-Londres. Você pegava um barquinho e pronto, ia visitar os amigos. Em Manchester, nós dois estávamos sozinhos. Logo fizemos uma rede de amigos, mas, assim: latino-americanos e africanos. E tinha meus professores, que foram sempre gentilíssimos comigo. O Brian Roberts praticamente me adotou, o Brian e a Susan, a mulher dele, me adotaram, me deixaram morando na casa deles, quando eles foram fazer a pesquisa de campo na Guatemala. E aí fui sendo conquistada, também, por Manchester. Manchester me conquistou.

C.C. – Você mencionou a Escola de Manchester de antropologia, Gluckman, que, aliás, você vai publicar, depois, no *Desvendando máscaras sociais*, aquele texto da Zululândia.

A.Z. – Pois é.

C.C. – Muitos anos depois. Mas você já conhecia a antropologia...?

A.Z. – Não. Nada. Nada.

C.C. – Nada. Você foi descobrir lá...

A.Z. – Descobri lá.

C.C. – ...que era um centro importante na época, também.

A.Z. – É. Quando eu comecei a ler... Eu já tinha ouvido falar em Gluckman, mas, assim... Nunca tinha lido nada, nada. Isso acontece muito na minha vida: eu desço de paraquedas nas coisas. Cidade de Deus foi outra, desci de paraquedas e... “Minha Nossa Senhora! Quanta coisa tem aqui!”

C.C. – Mas você já tinha vontade de fazer antropologia? Ou não? Você era formada em ciências sociais, pouco antes, e chegou em Manchester...

A.Z. – Fui para Manchester, fiquei...

C.C. – Isso em 1965 ou 1966?

A.Z. – Porque a sociologia... Eu fui para Manchester em 1966.

C.C. – Em 1966.

A.Z. – No segundo semestre de 1966, em setembro de 1966, na verdade. E aí o que aconteceu foi o seguinte: é que lá em Manchester os sociólogos, na verdade, eram ex-antropólogos. Como eles não estudavam mais a África nem a Melanésia, que é o caso do Peter Worsley, que fez aquele *The trumpet shall sound*, que é sobre um movimento milenarista na Melanésia, na verdade, eles faziam uma sociologia baseada em método etnográfico. Então, eles faziam estudos de comunidade, *shop floor*, ou então, como o Peter Worsley, escreviam sobre o terceiro mundo, e aí juntando material etnográfico de várias fontes e história, também. Todos com uma formação em história muito forte, dando uma importância enorme à história.

C.C. – A situação colonial, também, atravessa a obra deles.

A.Z. – Isso. E eles estavam muito conscientes do problema colonial. Não é feito o Evans-Pritchard, não, que botou de lado. Max Gluckman, Clyde Mitchell, todos eles pensam a situação colonial. Por isso que é voltada para o conflito, para essas tensões todas que havia lá. Eu sou fã deles até hoje. Até hoje eu uso nos meus cursos.

C.C. – Mas aí você começou... Era o quê? Um mestrado formal?

A.Z. – Não. Eles me aceitaram, mas não para mestrado. Eles me botaram numa coisa chamada Diploma for Advanced Studies. Aí eu fiz vários cursos lá com eles. Depois, como eu tive boas notas...

C.C. – Mas cursos de pós-graduação? Eram para pessoas já formadas?

A.Z. – Sim, curso de pós-graduação. Tanto é que metade do meu mestrado, que eu acabei fazendo no Museu, foi com base nesses cursos que eu fiz lá.

C.C. – Aproveitando.

A.Z. – Mas aí, depois... Já não me lembro mais se foi depois do primeiro ano ou depois do segundo ano. Certamente foi antes de eu ter meu primeiro filho, então, deve ter sido em 1967, porque o Ricardo nasceu em 1968. Eles me chamaram para dar *tutorial*. Fizeram lá uma

avaliação, um exame das notas... E eu descobri que eu tinha tido melhores notas que os meus colegas ingleses, que ficaram putos da vida com isso, passaram a me olhar como uma... Como é que se diz? Esqueci o termo. Que rouba o trono dos outros. Como é que chama?

C.C. – Uma usurpadora?

A.Z. – Usurpadora. Enfim, aí comecei a ficar mais ligada nessa coisa da tensão contra o imigrante, que já estava presente, mas que eu não percebia. Eu era tão bem tratada pelos professores e pelos alunos, também, que eu não percebia nada. E aí começou a aparecer coisas. Por exemplo, a gente estava num parque... Aliás, o Otávio estava. O Otávio acabou indo para Manchester, também.

C.C. – Otávio Velho.

A.Z. – E aí, de repente, começou um grupo de jovens ingleses a jogar pedra na gente, berrando “*Paki! Paki!*”.

C.C. – Hã?

A.Z. – É isso mesmo que você ouviu, jogando pedra na gente.

C.C. – E falando o quê?

A.Z. – “*Paki!*” Paquistânês. “*Paki! Paki!*” Com ódio. Outra vez, eu estava dentro de um ônibus, e eu sempre ficava confusa com onde que tinha que saltar, porque Manchester, como São Paulo, não é uma cidade com marcas. O Rio de Janeiro tem marcas: os morros, a lagoa, a praia. Manchester, não, são ruas e ruas absolutamente iguais. Eu sempre ficava confusa, na hora de saltar. E aí eu perguntei para o trocador onde é que eu tinha que saltar para ir em tal lugar. E ele disse: “*Go on*”. Então eu fui até o ponto final, e eu vi que já tinha passado e aí eu tive que voltar tudo de novo, pagando uma nova passagem, porque o cara se recusou a me dizer. Aí eu perguntei para as pessoas, porque ele já tinha até saltado, perguntei para as pessoas, me

ensinaram e eu saltei. Foram coisas pequenas, mas que aí começou a me dar uma nostalgia, para não dizer saudade.

C.C. – Aí nasceu seu primeiro filho. Foi em 1968?

A.Z. – Em 1968.

C.C. – E a nostalgia deve ter ficado maior, sem a família por perto.

A.Z. – Meus pais foram lá. Quando o Ricardo nasceu, meus pais estavam lá, meu pai e minha mãe.

C.C. – Ficaram quanto tempo?

A.Z. – Um mês. Depois, a pressão dos meus irmãos para meus pais voltarem logo foi forte e eles voltaram logo. Então foi duro. Foi muito duro. Mas acontece que tem uma coisa chamada National Health Service, na Inglaterra, e que nessa época era realmente... Não foi tanto tempo depois da Segunda Guerra Mundial, não é? O National Health Service realmente adquiriu uma importância enorme durante a Segunda Guerra Mundial. Aquela coisa que a gente vê... Ontem, por exemplo, as pessoas abriram as portas para receber os feridos, e ajudando a procurar quem estava desaparecido e tal. Isso é impressionante, na Inglaterra. A solidariedade entre eles é uma coisa impressionante, que eles construíram durante a Segunda Guerra Mundial. Por isso que o Churchill dizia “*this is our finest moment*”, é exatamente por isso. E é aí que aparece o National Health Service, que é baseado nisso, nessa solidariedade. Eu fico até arrepiada. E aí eu estava protegidíssima, porque eu tive o Ricardo num hospital público e já no hospital eu recebi todas as instruções de como amamentar, como dar banho, como mudar a fralda. E depois, em casa, eu era visitada, inicialmente, uma vez por dia, durante umas duas semanas, eu acho. Depois foram se espaçando as visitas e aí eu é que passei a ir no Healthcare, que é uma unidade que tinha perto da minha casa. Tudo assim. Então, essa experiência também foi espetacular. Jamais teria tido. E eu passei inclusive os livrinhos, todo o meu conhecimento, quando eu voltei para o Brasil, passei para várias amigas que acabaram tendo filhos, também, aqui. Passei toda a...

Nem sei quem está com o livrinho que eu ganhei sobre gravidez, bebê, como cuidar, como amamentar, como trocar a fralda. Passei para alguém e perdeu-se por aí.

C.C. – Aí você parou de estudar?

A.Z. – Sim, parei.

C.C. – Por um tempo ou...?

A.Z. – Parei. E aí não fiz... Não escrevi o texto que eu devia ter escrito para ter o diploma. E eles me diziam: “Escreva qualquer coisa, Alba!”. Mas não saiu.

C.C. – Com o filho pequeno, não deu.

A.Z. – Eu vou te contar por quê. Meus pais voltaram e logo depois meu pai se suicidou. Meu pai se suicidou depois do AI-5. E eu só soube da morte do meu pai um mês depois que ele tinha falecido. Não consegui chorar. Gente, eu não consegui chorar.

C.C. – Isso no final de 1968, início de 1969.

A.Z. – Não. Isso foi março de 1969.

C.C. – O AI-5 é 13 de dezembro.

A.Z. – Pois é.

C.C. – Mas tinha alguma coisa a ver com o AI-5?

A.Z. – Olha, eu não sei, mas eu desconfio que sim. Porque papai se envolveu, primeiro, na prisão do meu irmão, esse que era comunista, que ficou preso durante um tempo e papai que conseguiu soltá-lo; depois teve o episódio... teve vários episódios comigo e meu exílio; e o AI-

5 foi o endurecimento completo. Papai detestava essas coisas. Ele era um democrata. Ele queria eleições diretas em... Em 1965 que ia ter, não é?

C.C. – Em 1965...

A.Z. – E que o Lacerda e o Juscelino iam ser candidatos.

C.C. – Sim, sim, os dois tinham sido lançados.

A.Z. – Pois é. Era isso que ele queria. Desde que começou a ficar cada vez mais pesado o regime, ele foi se desencantando. E eu acho que os conflitos internos dele ficaram insuportáveis, porque ele tinha muitos amigos militares e os filhos dele estavam ferrados: a filha, no exílio, sem poder voltar, e o outro filho a qualquer momento poderia ser preso de novo. Na verdade, ele já estava no Chile. Meu irmão mandou-se para o Chile, depois do AI-5.

C.C. – Que idade o seu pai tinha?

A.Z. – Quando ele se matou? Cinquenta e oito, por aí.

C.C. – Muito novo, não é?

A.Z. – É. Na verdade, eu não sei. Não. Cinquenta e oito é o que meu irmão tinha, quando teve um infarto. Meu pai tinha sessenta e poucos anos.

C.C. – E aí você soube e voltou ao Brasil?

A.Z. – Sessenta e dois anos, porque ele é de 1907. Ou é de 1905? Ih!

C.C. – Bom, sessenta e poucos anos.

A.Z. – Sessenta e poucos anos.

C.C. – E aí você soube da notícia e veio logo ao Brasil?

A.Z. – Não. *No money*. Imagina! Não. E eu fiquei em estado de choque. Mas não era só o fato de que eu estava cuidando de um filho; eu não tinha mais cabeça e eu queria muito voltar. E eu acabei voltando quando o Ricardo ia completar um ano de idade. Então, isso já devia ser agosto ou setembro, por aí.

C.C. – O Alberto veio com você também?

A.Z. – Não. O Alberto ficou para terminar o doutorado, porque ele não tinha terminado. Aí eu vim com o Ricardo.

C.C. – E não tinha problema de você voltar... problema político aqui, com você, nessa altura?

A.Z. – Ah, eu não estava nem aí. Eu tinha que voltar.

C.C. – Em 1969, não é, que você veio?

A.Z. – Foi. A primeira vez foi em 1969.

C.C. – A situação estava muito feia já.

A.Z. – Setembro de 1969. Pois é. Mas eu tinha que voltar, Celso. Aliás, um colega meu, quando foi fazer uma entrevista para uma revista aí, fez essa pergunta, mas ele me fez a pergunta insinuando que eu devia ter alguma coisa, para voltar em 1969 sem problema. Até hoje eu não suporto esse colega. Não vou dizer quem é.

C.C. – Está bom. Bom, sua mãe devia estar muito abalada, não?

A.Z. – Não, eu voltei por minha causa, Celso. Eu tinha que ver minha família, eu tinha que conversar com todo mundo, para saber o que tinha ocorrido, porque ninguém me falava nada.

C.C. – O luto à distância deve ser muito difícil, não é?

A.Z. – Não é só isso; é a total... Eu não sabia o que tinha acontecido, como é que tinha acontecido, por que tinha acontecido. E aí eu vim, assim, fazendo uma reconstituição, para encaixar as coisas na minha cabeça, para dar um sentido para tudo isso. E aí eu fiquei sabendo que tinha um concurso para entrar para o Museu Nacional. E o Roberto Cardoso de Oliveira, eu já tinha tido uma experiência com ele muito...

C.C. – Isso já para o PPGAS?

A.Z. – É.

C.C. – Tinha acabado de ser criado, não é? [Foi criado] em 1968, o PPGAS, não é?

A.Z. – Isso. Mas eu esqueci de contar a minha experiência no Instituto de Ciências Sociais, ali na rua Bambina. Porque eu fui de lá – também por concurso.

C.C. – Na Bambina ou na Marquês de Olinda?

A.Z. – Marquês de Olinda.

C.C. – Onde era o Colégio São Fernando, depois.

A.Z. – Isso. O Roberto Cardoso de Oliveira que dirigia aquele negócio lá, não é? E aí eles fizeram... montaram uns cursos... Eu estava na graduação, ainda. Eu fiz os cursos. E depois desses cursos tinha uma prova, para ver quem é que ia ficar – como bolsista – trabalhando nas pesquisas.

C.C. – Durante o curso de graduação?

A.Z. – Durante o meu curso de graduação, mas...

C.C. – Era uma espécie de estágio?

A.Z. – Era uma espécie de estágio. Só que você tinha que fazer os cursos. Um curso era com o Luciano Martins de Almeida; o outro era com o Schmitter...

C.C. – Phillippe Schmitter.

A.Z. – ...Phillippe Schmitter; o terceiro, se não me engano, era com a Stella Amorim; e tinha o Maurício Vinhas de Queiroz, também. Bom, fiz os cursos, [fiquei em quarto lugar?], fiz as provas, pronto, ganhei a bolsa, e fiquei trabalhando na pesquisa do Luciano Martins...

C.C. – Que era sobre...?

A.Z. – ...que era sobre burguesia nacional.

C.C. – Burguesia nacional.

A.Z. – Eu que recolhi todo o material do *Diário Oficial*. Ele tinha o *Diário Oficial* de 1964, se não me engano, e aí não sabia como é que ia fazer para os outros... para a de 1920, se não me engano... Não, 1914. Era um corte de 1914, 1930 e 1964. Eu digo: “Luciano, tem o *Diário Oficial* de 1914 e 1930”. Pronto, lá fui eu. Fiquei metida na Biblioteca Nacional, morrendo de raiva de ter dado essa ideia para ele.

C.C. – Ótima ideia! Execute, então.

A.Z. – Pois é. [riso] Talvez ali eu tenha desenvolvido a minha alergia. Eu não posso pegar em livro velho, eu fico... quase morro.

C.C. – E aí você ficou um tempo nesse estágio, até se formar? Como foi?

A.Z. – Eu fiquei um ano. Aí veio uma cartinha do SNI dizendo que eu tinha que ser mandada embora. E aí duas coisas muito bacanas aconteceram. O Luciano Martins chegou lá no Roberto

Cardoso de Oliveira, que era o diretor, e disse: “Se a Alba for sair, eu vou sair com ela, também”. Aí não me mandaram embora e eu fiquei mais alguns meses e tal. Mas já estava terminando o curso, eu já estava querendo mesmo ir para a Europa, e aí fui embora por moto próprio, por vontade própria. E facilitou a vida do Luciano, também.

C.C. – Vamos voltar a 1969, a setembro, quando você volta ao Brasil.

A.Z. – Sim. Aí o Roberto Cardoso de Oliveira é que estava dirigindo lá o Museu. Eu já o conhecia do Instituto, já sabia que ele tinha segurado a onda, me mantido lá no Instituto, então, eu fui procurá-lo lá no Museu. Ele disse: “Alba”, a mesma coisa, “você vai ter que fazer uns cursos, depois fazer uma prova”. Eu fiz tudo e de novo ganhei a bolsa.

C.C. – Mas você chegou a voltar à Inglaterra?

A.Z. – Não. Isso foi antes de voltar. Aí eu ainda fiz um semestre de cursos aqui no Museu...

C.C. – Em 1970, que você começou?

A.Z. – Em 1970.

C.C. – Quem eram os seus colegas, nessa época do mestrado?

A.Z. – Vários que não fizeram curso nenhum nem concurso, não tiveram que fazer prova nenhuma: Machado, José Sérgio Leite Lopes, Afrânio Garcia Júnior... Quem mais? Olga... Esqueci o nome dela. Era uma senhora mais velha. Essa ficou com raiva de mim, porque ela achava que ia tirar lá o primeiro lugar e quem tirou fui eu, então, ela... Ela disse assim para mim: “Você veio da Inglaterra para ferrar com a gente, é?”. Eu, exilada, lutando no exílio, tendo que ouvir isso. Foi muito, não é? E a minha vida é assim, enfrentando coisas que eu acho que eu não merecia.

C.C. – Mas, só para entender, você veio em setembro de 1969, depois da morte do seu pai. Aí você fica direto no Brasil, até começar o mestrado? Você não volta?

A.Z. – Eu volto em agosto de 1970. Agosto ou setembro de 1970.

C.C. – Alberto ainda estava lá?

A.Z. – Alberto ainda estava lá.

C.C. – E o seu filho fica aqui ou vai?

A.Z. – Meu filho vai comigo. Imagina! Vou eu com o meu filho, para ver se segurava o casamento. Tinha essas coisas de troca de cartas e tal... Enfim...

C.C. – À distância, sempre é mais difícil, não é?

A.Z. – Pois é. E o Roberto Cardoso concordou. Eu disse: “Roberto, lá, eu tenho como estudar e tenho professores maravilhosos e tal”. E aí eu voltei com uma bolsa. Eu tinha uma bolsa, também. Antes era o Alberto, que ganhava duzentos e cinquenta dólares, para uma família de três pessoas. Não dava, não é? Nós vivíamos muito mal, muito apertados. E aí, com mais uma bolsa, ficou uma coisa um pouco mais confortável. E aí eu ainda fico lá um ano. Eu volto grávida da minha filha. Não chegou a completar um ano, não. Ela nasceu em julho; eu voltei em maio.

C.C. – De que ano?

A.Z. – De 1971. Aí terminei os créditos. Já tinha todos os créditos, porque eu reconheci tudo que eu tinha feito lá em Manchester. Eu fiz alguns cursos só, no Museu, com o Roberto DaMatta, que acabou sendo meu orientador; o próprio Roberto Cardoso de Oliveira... Quem mais? Aquele rapaz que fazia antropologia do direito, que era o mais próximo do pessoal lá de Manchester. Como é o nome dele? Ele tem um livrinho sobre antropologia do direito. Seeger. Ele era sobrinho daquele cantor Pete Seeger. Sabe quem é?

C.C. – Não.

A.Z. – É Angel... É um nome assim. E aí, pronto, eu escrevi a tese de mestrado no Museu...

C.C. – Pois é. A tese, como é que surgiu o tema da religião, o catolicismo popular?

A.Z. – Pois é. Quando eu estava estudando lá com o Peter Worsley, eu me interessei muito pelos movimentos milenaristas. Eu li o livro dele todo. E aí eu comecei a ler o Maurício Vinhas, que tinha escrito um livro sobre o Contestado, e tinha a história de o meu avô ter se ferido na Guerra do Contestado, e eu sempre me interessei um pouco, também, para entender por que nós éramos tão religiosos, na nossa atividade política estudantil. Então eu comecei a me interessar por movimentos milenaristas. E a ideia era escrever uma tese sobre isso lá para Manchester, que eu não consegui escrever. Disso resultou um artigo, que está no *BIB*. Eu escrevi um artigo sobre movimentos milenaristas aqui no Brasil, no *BIB*, que dizem que ficou bem bonzinho. Mas eu não sei julgar, porque eu nunca mais li. Nem lembro mais...

C.C. – *Os homens de Deus*?

A.Z. – Não. Essa é minha tese de mestrado.

C.C. – Ah! Você está falando do trabalho...?

A.Z. – Isso é um artigo... Aí eu achei que era muita areia para o meu caminhãozinho, que eu ainda não tinha suficiente maturidade teórica para enfrentar todas as dificuldades que eu teria, tanto teóricas como práticas, de conseguir juntar material. E muito me desanimou o fato... Por exemplo, o Maurício Vinhas não abriu os arquivos dele, a Maria Isaura não abriu os arquivos dela – ela tinha, também –, e tinha um professor na Bahia, que, por razões muito justificadas, esqueci completamente o nome, que se recusou a me dar... deixar olhar, pelo menos olhar, os cadernos que ele tinha do Conselheiro, que me dariam, digamos, uma entrada para entender o que tinha acontecido em Canudos. Aí eu desisti, falei: “Ah, não! É muita coisa! Eu não tenho capacidade para fazer esse jogo todo político que precisa para você ter acesso às fontes”. Então eu optei por pegar esses estudos de comunidade e fazer uma tese vendo por aspectos que não tinham sido vistos ainda. Aí escrevi *Os homens de Deus*.

C.C. – O Douglas Teixeira era dessa sua época? Ele pesquisava também sobre religião.

A.Z. – Sim, sim.

C.C. – Ele morreu jovem, também, não é?

A.Z. – Sim. O Douglas... Pois é, o Douglas era meu amigo. Nós éramos do Iser.

C.C. – Pois é, isso que eu ia perguntar. O Iser foi... A revista *Religião e sociedade* é dessa época, do início dos anos 1970?

A.Z. – Primeiro tem o Iser. Nós entramos no Iser quando o Rubem César já tinha voltado do exílio, também. O Rubem César foi para Polônia, não é? Nós fomos lá visitá-lo. Eu e Alberto fomos lá visitar o pessoal que estava na Polônia, quando nós estávamos na Suécia. Depois, acho que Alberto encontrou mais o Rubem César e todo mundo da faculdade quando eu estava grávida, sem poder viajar, já perto de ter filho, e todos se encontraram na Suíça. Bom, e aí o Rubem César veio para o Brasil, justamente para Campinas, onde eu já estava trabalhando, e aí ele me convidou para fazer parte do Iser. Porque ele conhecia todo esse pessoal. Ele era filho de pastor, muito amigo do filósofo da... Um filósofo lá da Unicamp que todo mundo adora.

C.C. – Rubem Alves?

A.Z. – O Rubem Alves, o Douglas Teixeira Monteiro... Um monte de gente. Então, também, um pessoal fantástico, esse que se reuniu no Iser quando o Iser era uma organização voluntária; não era ONG de jeito nenhum. A gente se reunia pelo prazer de estar junto. Ninguém ganhava dinheiro nenhum com isso. E discutíamos muitas coisas, inclusive a situação do país naquela época. Daí surgiu a ideia de fundar a revista. Então, foi Rubem César, Douglas, Rubem Alves e uma tal de Alba Zaluar. Quem é que carregava a revista nas costas? Vamos ver se vocês adivinham. Quem é que secretariava tudo, ficava arrumando artigos e escrevendo as cartinhas? Era eu. Durante vários anos, eu carreguei a revista nas costas. O Rubem César viajava muito, todos estavam ocupadíssimos, aí sobrava para mim.

C.C. – Agora, uma curiosidade. Você mencionou já os dois filhos que teve, gravidez e maternidade. Isso tem quarenta e poucos anos, não é? Como é que era, nessa época, maternidade com a vida acadêmica? Isso atrapalhava? Qual era o papel da mulher? Uma coisa mais sobre a condição feminina na academia naquela época.

A.Z. – Olha, na Inglaterra, era insuportável. Realmente...

C.C. – Por quê?

A.Z. – Porque era impossível. Não tinha com quem deixar meu filho para ir na biblioteca, para ir na universidade. Não tinha como.

C.C. – E não podia levar.

A.Z. – Tinha um tal de *playgroup*, no qual ele ficava uma hora ou duas horas, no máximo. Então, eu tinha que correr lá, apanhava um livro, voltava correndo para pegar o Ricardo no *playgroup* e ia para casa para ler e tal. E ele sempre solicitando. Era muito difícil. Agora, aqui no Brasil, você me desculpe, mas tem duas instituições: a vovó e a babá. Pronto. Eu tinha a vovó e... Não era uma babá exatamente, era uma empregada, mas que funcionava como babá, também, quando eu precisava sair. Aí, olha, perfeitamente acomodava. Não é nenhuma tragédia, não, nenhuma coisa difícil. Quer dizer, algumas vezes fica um pouco mais difícil – quando você fica sem dormir de noite, por exemplo. Mas aí o pai também é afetado por isso. Porque a criança, quando chora, acorda os dois, não é um só.

C.C. – Mas você falou do... Você e Alberto ficaram casados até quando?

A.Z. – Nós ficamos casados treze anos, até 1978.

C.C. – Então já foi depois da Unicamp.

A.Z. – Treze não, quinze, de 1963... Ih! Eu fiz a conta errada.

C.C. – De 1963 até...

A.Z. – De 1963 até 1978. Eu falei aqui errado.

C.C. – Agora, você falou da Unicamp. Como é que... Você entra em 1975 na Unicamp? É isso?

A.Z. – É.

C.C. – Quer dizer, você acabou o mestrado...

A.Z. – Ah! Meu casamento foi até 1977 só. [Não foi até] 1978, não. Então, a Unicamp foi assim... Essa é outra história. Minha vida é cheia de acasos. Eu desço de paraquedas em coisas ótimas e encontro obstáculos intransponíveis que eu não esperava, não tinha ideia que eu ia ter que enfrentar. Não é que o Eremildo Vianna ficou diretor da faculdade durante quase todo o regime militar, entrando já na época da redemocratização? E o que ele fez? Ele simplesmente impediu... Eu fiz três concursos para a UFRJ. Três. Nos três eu tirei primeiro lugar. No terceiro, empatado com a Rosilene. Nas duas vezes... Os dois primeiros foram para a sociologia. Mas meu contrato nunca saía. Eu cheguei a dar aula, inclusive, mas nunca chegava a assinar contrato, e aí acabava desistindo. Dei aula também na Faculdade de Educação. Chegava a cartinha do SNI, me mandavam embora. Dei aula na FGV, também fui mandada embora. Por que razão, não sei. Dei aula na PUC, também, e o contrato logo acabou. Era só um semestre, sempre. Aí eu resolvi que não era mais possível, porque eu já estava... Isso já estava me afetando. Eu já estava achando que era uma incapaz, uma incompetente, e eu precisava recuperar... Apesar dos elogios todos que eu tive com a tese de mestrado, que foi muito elogiada, eu me sentia horrível. Aí resolvi fazer concurso para a Unicamp, porque apareceu esse concurso. E eu passei. Mas aí o Alberto não quis ir para Campinas.

C.C. – Ele estava trabalhando aqui?

A.Z. – Ele era do CBPF – Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas. Ele não quis ir para lá. Aí eu fui com as duas crianças. Maluca. Fui com as duas crianças, sozinha, achando que eu ia manter

o casamento assim. É claro que não deu, não é? E cheguei lá e foi difícil, por causa disso. Porque digamos que carioca não é bem-visto em Campinas. Aliás, em todo o estado de São Paulo.

C.C. – Você acha?

A.Z. – Não, não é.

C.C. – Mas por quê?

A.Z. – Mulher carioca, pelo menos, é vista como uma mulher fácil, para dizer o mínimo.

C.C. – A Unicamp era uma universidade nova, não é?

A.Z. – Era. Mas também fui... Eu estou dizendo isso, era o povo lá da cidade, que é uma cidade muito provinciana, não é São Paulo, não é uma coisa cosmopolita como São Paulo. Mas a Unicamp era efervescente, também. [**Inaudível**] assim, já fui logo para o Iser, já tinha... acabei fundando uma revista com o Rubem César, e o meu departamento era excepcional, só tinha gente interessante: Peter Fry, Verena...

C.C. – Verena Stolcke, não é?

A.Z. – Verena Stolcke. Quem mais?

C.C. – Antonio Augusto Arantes.

A.Z. – Antonio Augusto Arantes, Mariza...

C.C. – Mariza Corrêa.

A.Z. – Mariza Corrêa.

C.C. – Que faleceu agora, não é?

A.Z. – É. E o Ifch ficava pertinho do IEL, que era o Instituto dos Estudos da Linguagem, então, era assim, a gente tinha uma cantina onde todos almoçávamos juntos, aí eu fiz amizade com vários deles: fiz amizade com o Roberto Schwarz; fiz amizade com o pessoal da psicolinguística, a Fausta Castro; fiz amizade com aquela senhora lá da análise do discurso... Como é o nome dela? Importantíssima. Althusseriana.

C.C. – Bom, depois você lembra.

A.Z. – Então, também aprendi muito. Aprendi muito na Unicamp. Os seminários eram todos interessantíssimos, ia sempre gente muito bem preparada apresentar textos e tal. Foi também bastante rica, a minha experiência na Unicamp.

C.C. – Você ficou vinte anos quase.

A.Z. – Vinte anos. Aí teve um interregno, porque eu tentei, para salvar o casamento, voltar para o Rio, e aí fui trabalhar na Finep. Foi aí que eu descobri que chegava a carta do SNI, porque um ano depois que eu estava na Finep... Não, um ano não. Alguns meses depois que eu estava na Finep, poucos meses depois, na verdade, o Marcelo Abreu, o marido da Alice Rangel, me chamou na sala dele e me disse: “Alba, olha só, nós vamos ter que te mandar embora”. Eu digo: “Como assim?!”. “Chegou uma carta do SNI dizendo que você é subversiva, nós vamos ter que mandar embora”. Eu digo: “Ah, não, Marcelo, você me desculpe...”. Isso já era governo Geisel. “Você me desculpe, Marcelo, mas eu pedi licença sem vencimentos na Unicamp, meu casamento acabou, eu tenho dois filhos pequenos, você não vai me mandar embora, não, porque eu vou botar a boca no mundo. Está cheio de comunista aqui. Por que só eu?”. Aí foi aquele bafafá ali dentro. A Conceição Tavares estava na Finep... tinha um monte de gente, a Sulamis Dain, estava todo mundo lá. Aí o Pelúcio, que era o diretor-presidente, foi a Brasília e lá fez os conchavos dele, conversou com um e com outro, e a história termina assim: vem um oficial das Forças Armadas me entrevistar aqui no Rio de Janeiro, e ele me pergunta a seguinte coisa, “Por que a senhora voltou para o Brasil?”. Aí eu respondi: “Porque meu pai morreu em circunstâncias trágicas”. “A senhora participou da luta armada?” Eu disse: “Não”. “A senhora

apoiou a luta armada?” Eu disse: “Não, nunca apoiei a luta armada”. Pronto. Acabou. E eu continuei na Finep, mas sabendo que teve essa carta. E aí eu juntei os pauzinhos, digo: “Não, Alba, não era você que era burra, incompetente, idiota, não; era a carta do SNI que tinha chegado, provavelmente, em todos os outros empregos que você arrumou e não conseguiu ficar”.

C.C. – E na Finep você fazia o quê, no tempo que você ficou lá?

A.Z. – Eu participei de uma pesquisa sobre nutrição, do Endef. Lembra? Em 1974, eles fizeram uma imensa pesquisa, que é a maior pesquisa sobre nutrição já feita no Brasil, em que o pesquisador ficava uma semana na casa das pessoas, para ver o que eles comiam, pesava tudo, perguntava. É um material riquíssimo. Mas eles não sabiam o que fazer com tanta coisa. E aí é interessante também, porque, para variar... Eu sempre descubro uma coisa que não é, digamos, o consensual. Então, eu já estava querendo começar a fazer a minha pesquisa de campo lá em Cidade de Deus, e aí comecei fazendo perguntas sobre alimentação, sobre a comida.

C.C. – Em Cidade de Deus?

A.Z. – Em Cidade de Deus. Foi assim que eu comecei a pesquisa em Cidade de Deus. Porque eu queria estudar a pobreza.

C.C. – Mas como é que surgiu o tema da pobreza e Cidade de Deus? Porque você falou que já queria ir para a Cidade de Deus.

A.Z. – Pois é. Eu queria ir para a Cidade de Deus estudar a pobreza porque eu queria saber se em Cidade de Deus, que é um conjunto habitacional que é o resultado do deslocamento de populações de vinte e tantas favelas...

C.C. – Remoções.

A.Z. – É um deslocamento. Vinte e tantas favelas do Rio foram para lá, e eu queria saber se eles tinham mantido aquela coisa associativa forte que existia nas favelas. Então eu fui para lá

com essa ideia. Mas como eu estava trabalhando na pesquisa de nutrição e já me incomodava algumas coisas... Por exemplo, eles diziam assim... Tinha um dado esquisito nessa pesquisa, que é o alto valor calórico da alimentação dos pobres. Eles diziam: “Ah, não, eles fizeram alguma coisa, eles cortaram o pessoal mais miserável. Isso aqui está manipulado”. E eu cá comigo pensando: “E se não for? Tem tanta gente gorda aí, não é? Vou lá ver”. Aí tinha. E eu comecei a perguntar o que comiam. Banha de porco direto, no angu à baiana. Não tinha carne, era banha de porco. Era altamente calórica mesmo. Aí já comecei a dizer: “Olha, isso que vocês estão pensando, não é assim”. E comecei a ler. Aí descobri que, de fato, a pobreza, em muitos países, é associada com a gordura. Vocês sabiam disso? Agora está uma coisa mais ou menos conhecida, mas, naquela época, ninguém falava nada sobre isso. Eu que fiquei fuçando nos artigos e tal, nas coisas. E aí já fiquei malvista na Finep, também, porque não concordava exatamente que os militares tinham cortado uma parte daqueles que passavam mais fome e tal. Porque o problema todo era a fome, não é?

C.C. – É. Então não havia manipulação nos dados.

A.Z. – Não. Eles comiam totalmente errado, porque estavam parando de comer feijão com arroz, porque o feijão, com a inflação, com certeza estava ficando cada vez mais caro, e os salários também tinham sofrido uma perda no poder de compra...

C.C. – Arrocho salarial.

A.Z. – Arrocho salarial. E aí, de fato, as coisas tinham mudado um pouco, e aí eles começaram a substituir: comiam muito macarrão, muita porcaria, e banha de porco, para substituir a carne. E agora está mais ou menos...

C.C. – Mas você chegou a ir à Cidade de Deus, quando estava na Finep, no âmbito dessa...?

A.Z. – Sim, sim. Eu comecei a pesquisa de campo em Cidade de Deus quando eu estava na Finep.

C.C. – Mas a Cidade de Deus veio por conta dessa pesquisa? Ou você... O interesse...

A.Z. – Não. A Cidade de Deus veio por conta da minha tese de doutorado que eu queria fazer na USP. Eu já estava matriculada na USP – eu me matriculei em 1977, se não me engano, e comecei em 1978. Foi isso?

C.C. – Foi em 1979, eu acho, que você começou.

A.Z. – Foi?

C.C. – Bom, no seu Lattes está 1979.

A.Z. – Ah! Então foi.

C.C. – Mas você ainda estava na Finep, quando se matriculou na USP, no doutorado?

A.Z. – Não me lembro.

C.C. – Ou você voltou para Campinas?

A.Z. – Não, não. Eu acho que eu me matriculei, eu ainda estava lá em Campinas. Tanto é que eles me matricularam no doutorado – porque era difícil você conseguir vaga, não é? – porque eu era professora da Unicamp. Aí eu consegui entrar. E aí resolvi voltar para o Rio. Porque as crianças estavam infelizes, o Alberto estava infeliz, e eu já não aguentava mais de tanta culpa, tanta preocupação, então, resolvi voltar. Mas mantive o doutorado na USP. Eu viajava... Em vez de viajar para Campinas, eu viajava para São Paulo, para fazer o doutorado. Mas sempre com a mamãe...

C.C. – Bom, e lá você vai ser orientada pela Eunice Durham.

A.Z. – Eunice Durham.

C.C. – Você a conheceu como?

A.Z. – A Eunice, eu conheci na Unicamp. Ela ia fazer lá palestras, fazia... E na SBPC. Porque a SBPC era importantíssima, na década de 1970. As reuniões eram acontecimentos políticos e intelectuais importantíssimos. A Anpocs também estava começando – eu já não me lembro mais se no final da... Não me lembro mais. Quando começa a Anpocs, você sabe?

C.C. – Acho que é em 1984.

A.Z. – Ah! Não, então não.

C.C. – Posso estar enganado, mas acho que...

A.Z. – Não, você está completamente enganado. A Anpocs começa no final da década de 1970, lá no Iuperj. Quem fundou a Anpocs foi o Wanderley, o Renato Boschi, aqueles mineiros todos que estavam lá...

C.C. – Mas, para entrar na USP, na época, o doutorado era um sistema diferente, não era um concurso aberto. Tinha o orientador já, desde o início, que tinha a vaga.

A.Z. – É, o orientador que dava a vaga, e pronto, aí você entrava. Não tinha concurso, não.

C.C. – E tinha curso? Você fez curso?

A.Z. – Eu fui lá conversar com a Ruth, aí a Ruth me disse: “Não, vai conversar com a Eunice, porque eu já tenho muitos alunos”.

C.C. – Elas ainda estavam na antropologia? Depois foram para a ciência política.

A.Z. – Elas estavam na ciência política. Mas depois... Meu doutorado era de antropologia, porque elas voltaram. No meio tempo, elas voltaram. Eu só defendi tese em 1984.

C.C. – E aí, Cidade de Deus, como é que...?

A.Z. – Então, a Cidade de Deus foi isso: eu queria estudar a pobreza, eu queria continuar... Continuava interessadíssima por cultura popular, como sempre estive, desde os meus tempos de CPC da UNE. E depois, todas as discussões... Na década de 1970, o que a gente discutiu de cultura popular é impressionante! Todas as reuniões científicas tinham algum grupo discutindo cultura popular. Era como se a gente estivesse... A saída era esse povo maravilhoso que a gente tem, e o povo brasileiro era um povo com esse espírito da coisa.

C.C. – O teu tema era a pobreza; não era violência, crime...

A.Z. – Não.

C.C. – Porque a Cidade de Deus, depois, vai ser muito associada...

A.Z. – Celso, eu sou desse tipo que vai ver filme e, quando começa o tiroteio e tem sangue, eu faço assim. Eu não vejo. Detesto. Mas aí é aquela coisa... E ao mesmo tempo é essa curiosidade que eu tenho de entender coisas que não estão bem explicadas e que, de certo modo, acabam me chamando a atenção, então... Quando eu cheguei lá na Praça Matusalém, eles estavam acabando de fundar um bloco de carnaval. Eu falei: “Oba!”. Me interessei. E me interessei mais ainda quando soube por que eles fundaram o bloco. Era para lidar com o luto, por causa da morte do Manoel Galinha, do irmão do Manoel Galinha e do avô do Manoel Galinha, que tinham morrido meses antes. Eu achei essa história fantástica. Então, ao mesmo tempo que eu fui estudar o bloco, eu fiquei sabendo de toda a tragédia que estava por detrás, recolhendo vários depoimentos sobre a guerra. Agora, aí é o seguinte, eu fiz... Se não me engano, tem nove capítulos, *A máquina e a revolta*, que é a minha tese de doutorado.

C.C. – Eu li num curso do Gilberto, no mestrado, em 1987 ou 1988.

A.Z. – Eu acho que são nove capítulos, mas só me chamavam para falar do capítulo sobre os bandidos. Porque ninguém tinha falado sobre isso. Aí eu falei: “Meu Deus do céu! Eu não entendo nada disso”. Ou às vezes eu fui e chutava. Aí comecei a ler. E quem me ajudou muito nisso foi o Paixão, Antonio Luiz Paixão, que já estava estudando essas coisas todas desde a

década de 1970, ele e o Edmundo Campos Coelho. E o Paixão é a aquela generosidade em pessoa, uma flor de pessoa.

C.C. – O Edmundo tem um trabalho sobre os agentes penitenciários, não é?

A.Z. – Ele tem um trabalho sobre prisão.

C.C. – Sobre prisão, é.

A.Z. – ...que ele fez com o Antonio Luiz Paixão. E os dois é que descobrem como se deu a formação do Comando Vermelho.

C.C. – A Julita, nessa época, também pesquisa... Quer dizer, ela trabalhou no Desipe...

A.Z. – A Julita trabalhou no Desipe. E ela vai fazer pesquisa muito depois.

C.C. – Depois?

A.Z. – Ela, Luiz Eduardo, só no final da década de 1980. O Michel que andou um pouquinho, mas depois ele sumiu...

C.C. – Michel Misse?

A.Z. – Michel Misse. E só na década de 1990 que ele vai fazer pesquisa, bem depois. Mas o Paixão, não, ele já fazia pesquisa há um tempão, já conversava com esses bandidos todos, já dava aula para policial militar de Minas, que eu achava o máximo, a coragem dele de dar aula para aqueles que a gente considerava os inimigos. Porque o movimento estudantil é assim, você vive esse conflito perene com os policiais que jogam bomba de gás lacrimogêneo em cima de você. E aí o Paixão me indicou vários livros, conversou muito comigo. A gente se falava praticamente toda semana pelo telefone, ele em Minas Gerais e eu aqui no Rio. E nos encontrávamos... Também há vários grupos na Anpocs sobre isso. E aí foi solidificando o meu conhecimento. Mas, ao mesmo tempo, eu queria saber mais sobre o que tinha acontecido lá em

Cidade de Deus. Foi aí que eu voltei, com um outro projeto, em que eu tive a ideia de contratar estudantes universitários que moravam e tinham crescido em Cidade de Deus, porque eles certamente conheceriam os bandidinhos locais. Então eu contratei quatro estudantes. E um deles era o Paulo Lins. E eles é que iam fazer as entrevistas. As primeiras, eu fiz com eles, para mostrar como é que era. Só que a garotada mentiu para mim o tempo todo. É claro, eu era mulher, classe média...

C.C. – A garotada, os seus assistentes ou os...?

A.Z. – Não.

C.C. – Os nativos?

A.Z. – É. E aí eles ficavam rindo, diziam: “Alba, aquele cara mentiu para você o tempo todo”. Eu digo: “Eu sei. Vocês é que vão fazer as entrevistas”. E aí dei aulas para eles de como fazer a entrevista, dei livros para eles lerem e tal, e aí eles fizeram. E as entrevistas mais ricas, mais interessantes foram as feitas pelo Paulo Lins. Aí eu comecei uma outra batalha, que foi de convencer o Paulo Lins a escrever um livro, que seria o relato etnográfico dessa pesquisa. Ele não queria de jeito nenhum. Ele dizia: “Não, eu sou poeta”. Eu digo: “Paulo, se você escreve uma frase, você escreve quarenta mil. É só mais uma, uma, uma...” E arrumei bolsas para ele durante seis anos, só para ele escrever. No último ano, foi o Roberto Schwarz que arrumou a bolsa da Fundação Vitae, e eu... Ele me esqueceu. Eu fui um pouco... Eu reclamei. Aí eu reclamei, não é? Aí ele... Me disseram, não sei, que ele sempre se refere a mim, e sempre com uma certa gratidão, pelo apoio que eu dei no início.

C.C. – E como é que você viu o livro e depois o filme? Como é que você vê a carreira da Cidade de Deus?

A.Z. – O livro, eu dei muita força para o Paulo, acompanhei muito de perto. Mas ele queria que eu editasse o livro, e eu me recusei, e eu agradeço até hoje essa minha sabedoria. Porque se eu não tivesse recusado ia estar uma confusão. Quem escreveu? Quem é o autor? Quem não é? Porque isso aconteceu num projeto que a mulher dele, então, a Maria de Lourdes, fez para

passar no mestrado. Eu escrevi esse projeto com ela. No meu computador, na minha casa, mandei ela escrever. Porque ela estava precisando muito entrar no mestrado, e sem conseguir. E aí o que aconteceu? Eu tinha que escrever uma introdução para um livro, uma mera introdução de um livro que eu organizei sobre drogas. E o projeto dela era sobre drogas. Aí eu peguei um trecho que eu tinha escrito nesse projeto e botei na introdução. A Lourdinha ficou uma fera comigo, me acusou de estar plagiando. E não tive nem como argumentar, porque ela estava tão tomada de ódio... Imagina se isso tivesse acontecido com o Paulo Lins. Então eu recusei. Dei toda a força: apresentei o livro... levei o livro para o Roberto Schwarz ler, o Roberto se encantou, “isso aqui tem um material riquíssimo”. E, realmente, as entrevistas que o Paulo Lins fez, elas eram entrevistas incríveis. Eu fiquei muito feliz com o sucesso dele, mas ele sempre um pouco preocupado com isso, e toda vez que eu reclamei... Uma coisa que eu reclamei mesmo é de ele não ter reconhecido que o Sandro Cenoura era o Ailton Batata. E eu tinha essa dívida com o Ailton Batata, porque o Ailton Batata estava lá quando eu fiz a pesquisa, no início dos anos 1980. Paulo Lins nunca entrevistou o Ailton Batata, mas eu sim. Conversei com ele, conversei com a família dele, com os vizinhos dele, com todo mundo. E o Paulo, embora soubesse que o Sandro Cenoura fosse... disse que não era, que era um personagem inventado por ele. Não é. Não é verdade. Eu tenho carta do Paulo Lins em que ele me diz: “Agora eu vou começar a história do Batata”. Custava? É um cara ferrado, passou dezesseis anos preso, já tinha perdido todo o dinheiro dele com advogado e com... como se manter vivo dentro da prisão, porque sem dinheiro você não consegue viver dignamente dentro da prisão. E aí eu fiquei muito chateada. Aí, quando eu reclamava, o Paulo Lins me perguntava assim: “Alba, você quer que eu te dê um dinheiro? Eu te dou”. Eu digo: “Paulo, eu não quero dinheiro seu. De você, eu quero reconhecimento. Agora, para o Ailton, vocês têm que dar dinheiro, mesmo. Não você; a editora e o Fernando Meirelles”. A editora deu algum dinheiro, um bom dinheirinho, e o Fernando Meirelles se recusou totalmente. Então, a trajetória é assim: eu acompanhei a formação do livro, eu me envolvi, fiquei muito feliz com o sucesso e tal, mas eu não gosto do filme.

C.C. – O filme fez muito sucesso, não é? Até hoje...

A.Z. – Fez muito sucesso, mas eu não gosto do filme. Eu vou te dizer por quê. Primeiro porque cortaram, apagaram totalmente a minha participação. Não tem nenhuma menção. Nada. E

depois, porque eles... É um filme a-histórico. Eles botaram armas da Guerra do Golfo no final da década de 1970. Foi uma guerra datada. Aquela guerra ocorreu durante o regime militar. Nenhuma menção ao regime militar, ao fato de que a polícia tornou-se muito mais violenta, nesse período. Nada. E depois se manteve assim, por conta do fato de que a nossa redemocratização foi inconclusa, foi incompleta. Nós ainda temos que chegar ao Estado democrático de direito. Ainda não chegamos lá. Então, isso tudo me deixou muito aborrecida. E também o fato de que nunca me procuraram, nunca quiseram saber o que eu pensava, como deveria ser feito e tal. E fiquei ainda mais furiosa quando ele se recusou a dar uma grana para o Ailton Batata, que é o único sobrevivente e que foi tomar satisfação comigo lá na Uerj. Ele descobriu que eu estava na Uerj, me telefonou, perguntou se podia ir. Ele estava no regime semiaberto, então, numa saída dele, ele foi. Ele me ligou, disse: “Professora, eu vou estar aí dia... A senhora não me conhece, mas conhece todos os meus parentes e meus amigos”. Aí eu pensei um pouquinho e falei: “Ailton Batata?”. Ele disse: “Como é que a senhora sabe?!” Eu disse: “Claro! Eu acabei de ver o filme. Só pode ser você”. Ele disse: “É isso mesmo. Posso ir aí?”. “Pode.” Aí ele veio, com uma cara enfezadíssima. “Quero saber por que a história da minha vida está num romance, está num filme e eu não dei licença para ninguém contar a história da minha vida”. Eu falei: “Pronto. E aí?”. Isso aí é direito civil. Eu disse, olhando no olho dele: “Ailton, olha só, eu fiquei muito chateada, porque não falam no meu nome, não falam da minha pesquisa, não me agradecem. Mas agora que você está na minha frente, eu estou dando graças a Deus”. Aí ele riu. Ele sempre teve muito bom senso de humor – isso é reconhecido pelo pessoal lá de Cidade de Deus – e riu. Eu falei: “Eu vou ajudar esse cara”. E falei: “Eu não posso fazer nada, Ailton. Isso escapou da minha mão. Você vê que nem me agradecem. Mas eu vou te ajudar. Eu vou te indicar um advogado e você vai... daqui, saindo da minha sala, você vai lá no escritório modelo da Uerj. Você sobe só um lance de escada e você vai lá que eles vão resolver o seu problema prisional”, porque ele já estava querendo a liberdade condicional, porque ele já tinha ficado dezesseis anos preso, tinha pressão alta, estava todo ferrado de saúde. Então, estabelecemos uma relação, uma conexão, e aí eu comecei já a matutar: “Vem cá, esse cara foi muito...” Posso dizer uma palavra pouco acadêmica? “Ele foi muito sacaneado. É muita sacanagem isso. É a história dele. Eu sei que é a história dele. Eu não posso fugir dessa responsabilidade. Isso é contra a ética profissional. O antropólogo não pode prejudicar quem ele pesquisa. Eu vou ajudar o Ailton.” Aí eu comecei a pensar em

escrever um livro sobre a vida dele. Mas cadê tempo? Não tinha tempo. Sempre mil pesquisas, mil alunos fazendo doutorado, fazendo mestrado, aí eu fui adiando.

C.C. – Mas ele não procurou na época o Paulo Lins?

A.Z. – Ele queria matar o Paulo Lins. Eu que tirei da cabeça dele.

C.C. – Ou o Fernando Meirelles.

A.Z. – O Fernando Meirelles, não. Mas o Paulo Lins era da Cidade de Deus, e era da [quadra] 13. Na 13 estava um grande inimigo do Ailton Batata, que trocou tiros várias vezes e várias vezes acertou o Manoel Galinha, que era o amigão dele, do Ailton Batata. Então ele estava muito chateado com o Paulo Lins, muito chateado, porque ele sabia que o Paulo Lins sabia que ele era o Sandro Cenoura. Então ele ficou realmente muito chateado, muito magoado com isso. Mas eu tirei da cabeça dele. “Ailton, olha só, você está na bica de sair da prisão. Você vai se enrolar de novo? Você vai se atrasar de novo?”, que é o termo que eles usam. Aí ele disse assim para mim: “A minha mãe diz a mesma coisa”. Eu digo: “Claro! A sua mãe tem a cabeça no lugar.” Bom, então eu resolvi que ia ajudá-lo. E aí surgiu... Um dos meus alunos lá da Uerj na pós-graduação veio com a ideia de estudar o que acontecia com os traficantes depois – não na entrada, mas na saída do tráfico. Aí, pronto, chamamos o Ailton para arrumar um grupo de ex-trafficantes com quem o Luiz Fernando pudesse conversar. E ele acabou fazendo uma tese de doutorado sobre isso. Agora, antes, aconteceu também uma coisa interessantíssima. Nessa tentativa de ajudá-lo, eu fui procurar saber... Eu tinha uns contatos na prefeitura e fiquei sabendo de uma ONG que tinha por objetivo ajudar os prisioneiros a encontrar documentos, a se reaproximar das famílias etc. Uma forma de impedir que eles caíssem no crime de novo. E aí eu indiquei o nome do Ailton. E o Ailton se deu tão bem, fez um trabalho tão bom – porque ele conhece todo mundo, não é? – que ele foi chamado para a Secretaria de Assistência Social da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. Para trabalhar no quê? Choque da ordem. O Ailton, ex-trafficante, foi ajudar a recolher os craqueiros, a população de rua e tal, para levar para os abrigos. E ele também se deu muito bem, porque ele tem conversa, ele sabe o que dizer. Eu sempre fiquei imaginando o quanto de potencial que essas pessoas têm que está sendo

desperdiçado. O pessoal da Assistência Social adora o Ailton. Ele é extremamente útil, muito prestimoso. E está lá até hoje. De vez em quando ele diz que vai para São Paulo, mas está lá.

C.C. – Mas você manteve contato com ele, ao longo desse tempo? Ou não?

A.Z. – Claro! Porque aí vieram as entrevistas que nós fizemos com ele, eu e o Luiz Alberto Pinheiro de Freitas, que é um psicanalista amigo meu. Então nós fizemos, durante meses, pagando o Ailton para dar a entrevista para a gente – o que o Ailton adorou, porque ele tem que tomar remédio de pressão, tem que pagar aluguel, enfim, mil despesas. E aí, a partir desse material... A gente custou um pouquinho a começar a escrever. E tinha sempre essa... Escrever a quatro mãos é horrível, não é? É muito difícil. Você nunca escreveu?

C.C. – Poucas coisas.

A.Z. – Pois é. Imagina escrever um livro, eu querendo abordar os aspectos sociais, que já são complicados, já são extremamente complexos, e ele, psicanalista, querendo ver a coisa do ponto de vista da subjetividade apenas, papai e mamãe. Então foi difícil. Mas acaba... Acho que o resultado ficou muito interessante, também. Eu gostei muito de ter escrito esse livro; o Ailton está muito feliz. E aí eu descobri, Celso, o seguinte, que... Isso está um pouco no Crapanzano. Não sei se você chegou a ler. O Crapanzano fala sobre como que é o narrar a história de vida. A pessoa vai se descobrindo, vai organizando a cabeça, vai tendo uma visão da sua história pela narrativa que ele mesmo faz dela. E isso foi importantíssimo para o Ailton. O Ailton é outra pessoa hoje, é muito mais calmo. Ele vivia nervoso. Ele só ficou nervoso quando disseram para ele que iam mandar embora todo mundo, nessa crise aí agora. Mas não mandaram ele embora, não. Ele continua lá.

C.C. – Agora, Alba, e a recepção da sua pesquisa e do seu livro *A máquina e a revolta* no meio acadêmico como é que foi, na época?

A.Z. – Foi boa. Foi boa... Eu sempre... Eu evito um pouco saber muito. Quando as pessoas elogiam, eu fico meio envergonhada, porque... Não sei. Eu não quero aparecer muito, não. Eu não quero ser foco de... Porque eu já tive problema minha vida inteira por causa disso, por ter

sido uma aluna muito destacada, então... Olha, eu acho que tive a atenção merecida, porque eu acho que é um livro interessante, é um livro bom, bem escrito, bem feito, mas acho que tem vários outros que são muito melhores que o meu, que, enfim... A nossa geração fez coisas muito boas, e eu me sinto parte desse grupo.

C.C. – O tema da violência e criminalidade foi crescendo muito...

A.Z. – É.

C.C. – ...nos anos 1980 e 1990. A USP cria lá o Núcleo de Estudos sobre Violência (NEV). O Sérgio Adorno e o...

A.Z. – E o Paulo Sérgio Pinheiro.

C.C. – ...Paulo Sérgio Pinheiro, no início, que estavam envolvidos direto. Lá em São Paulo, você mantinha algum diálogo com eles sobre esses temas?

A.Z. – Sim. Eu ia sempre... Eu fui muito convidada para falar, porque ninguém estudava essas coisas como eu tinha estudado e o Paixão. O Paixão era outro que era muito chamado, também. A gente vivia lá. Eu e Paixão vivíamos lá no NEV, para falar [com o]¹ pessoal. O Luiz Eduardo Soares me convidou – eu dei umas três aulas em um curso que ele dava lá no antigo Iuperj –, porque também... E logo depois ele entra com um projeto. Isso aconteceu várias vezes comigo: as pessoas me chamavam, eu falava, falava, falava, daqui a pouco eles vinham...

C.C. – Qual o projeto que o Luiz Eduardo Soares entrou?

A.Z. – Um projeto para estudar a criminalidade, segurança, essas coisas. Não era a área dele, não era a praia dele. Várias pessoas foram entrando, e aí o campo ficou muito mais diversificado, muito mais competitivo, e aí aconteceram umas coisas meio chatas, tipo colega que começou a usar as minhas ideias sem citar. Isso aconteceu demais. Mas também eu fico

¹ O mais próximo que foi possível ouvir.

pensando assim: vai ver que eles leram há um tempão, vai ver que eles têm memória como eu tenho – eu leio e depois eu esqueço onde eu li –, e aí repetem, sem nem... Não é por mal. Mas algumas vezes eu fiquei bem chateada. Porque eu acho que os colegas homens tendem a não citar as colegas mulheres.

C.C. – Você acha que tem uma questão de gênero aí?

A.Z. – Tem. Especialmente numa área que é uma área de macho. [riso] Todo mundo me pergunta: “Mas por que você foi estudar a violência?”. Os meus amigos da praia... Porque eu também já fui da praia. Fui da praia, fui da escola de samba, fui do carnaval. Então, o pessoal da praia me recebia assim: “Ih! Lá vem a miss violência, a rainha da PM! Chegou a rainha da PM!”. [riso] Era assim que eu era recebida. Então era uma maneira de me dizer: “Olha, essa aí não é a sua praia, não. Isso não é você que tem que ficar estudando, não”.

C.C. – Na sua entrevista, você falou que começava a dizer o que pensava, que isso deu muito problema. Imagino que você tenha ficado chateada algumas horas, não?

A.Z. – Sim. Muitas vezes. Porque é assim, como eu estudei os traficantes e eu sei a quantidade de sentimentos ruins que eles guardam dentro deles, eu não consigo entender por que tem gente que fica idealizando, que fica romantizando. Eu fiz parte de uma banca lá no Ifcs que a moça dizia... Aliás, uma moça inteligentíssima, brilhante, mas ela dizia que a firma – olha só, *a firma*, que é outro nome para boca de fumo – era uma religião, era como a religião, e que a relação com o chefe era uma relação de crença. Os mais jovens membros da firma acreditavam nos poderes sobrenaturais ou sei lá o quê do chefe.

C.C. – Carisma.

A.Z. – No carisma... Não, mas ela não falava em carisma. Ela falava de crença e de uma coisa religiosa, mesmo, que era ao mesmo tempo uma autoridade burocrática e uma autoridade religiosa. Isso me deixou tão chocada! Porque eu vejo que a tendência que está marcada até hoje... As pessoas se referem sempre à violência policial, à violência institucional, então, o genocídio é provocado pelos policiais, que estão matando os negros nas favelas, mas ninguém

se refere ao fato de que os jovens negros e favelados estão matando outros jovens negros e favelados há anos e anos, e a maior parte desses jovens negros que morrem, eles morrem na mão um do outro. Quando eu falo isso, fica todo mundo uma fera comigo, como se eu fosse, de novo, a traidora da classe operária, sei lá, a direitista. Não tem nada que ver. O que eu acho simplesmente é que não se vai resolver o problema enquanto não se enfrentar esse fato. Os jovens negros e favelados estão matando outros jovens negros e favelados. A gente tem que entender por que e dismantelar isso. Por isso que eu fico enfatizando o negócio das armas. Porque, para mim, não é a droga; são as armas e a maneira como se organizou o tráfico de drogas aqui no Rio de Janeiro, com três facções, que fazem guerra entre si há tantos anos. É claro que os policiais corroboram com isso enormemente. Sim, mas isso por outras razões: é aquela coisa de um processo de redemocratização que foi atropelado. Foi atropelado. “Vamos botar isso e botar isso aqui para debaixo do pano, não vamos falar sobre isso, não vamos falar sobre a tortura...””.

C.C. – Mas você acha porque isso ficou politicamente incorreto ou por alguma deficiência de compreensão do fenômeno?

A.Z. – Qual fenômeno? Qual deles?

C.C. – Você mencionou que quando fala esses aspectos da violência...

A.Z. – Institucional.

C.C. – ...institucional, que ficam chocados, como se fosse uma traidora, não é? Isso se deveria a algo politicamente incorreto ou por uma deficiência de compreensão sociológica do fenômeno?

A.Z. – É porque eles estão preocupados na defesa dos direitos humanos. Quando você tem essa perspectiva, você vai aonde? Você vai em cima do Estado, porque o Estado é que está ferindo os direitos humanos. Então, quando eu digo: “Olha só, essa garotada aqui tem que ser olhada, porque eles não estão respeitando o direito do outro, também. Ao contrário, eles estão cheios de ódio um do outro. Então, isso aí tem que ser enfrentado, também”, aí é como se eu não fosse

a favor dos direitos humanos. Não, eu estou querendo estender os direitos humanos para essa área aqui também. Vamos ensinar essa garotada a um respeitar o direito do outro, a dialogar, encontrar formas de resolver conflitos que não seja pela troca de tiros. Por isso que eu sempre trabalhei com a mediação, há anos e anos e anos. Todo mundo agora fala, mas é uma coisa meio esquizofrênica. Porque quando eu vejo os projetos que eles mandam, eles falam assim... Tem uma ongzinha que cuida da mediação, aí vai para a favela, tem um projetinho de mediação e tal. Mas nos seus projetos de pesquisa, nos seus pronunciamentos públicos, ninguém fala disso; todo mundo só fala da violência policial, todo mundo só fala do genocídio dos negros. Genocídio dos negros? Não viram o que é genocídio, pelo seguinte, sessenta e tantos por cento dos PMs ou setenta por cento é negro. Vem cá, genocídio dos negros contra os negros? Não faz sentido. Então são duas etnias diferentes? Eu acho que tem isso, tem essa coisa de reafirmar sempre os direitos humanos, tal como as organizações internacionais de direitos humanos veem o problema – e aí é que entra o Paulo Sérgio Pinheiro, porque ele fez uma carreira internacional nisso –, e tem a coisa da fonte dos recursos de pesquisa e de atuação, também, e tem, ao mesmo tempo, uma dificuldade de entender sociologicamente isso, como havia uma dificuldade enorme de entender que a cultura popular também não é santa. A cultura popular também tem conflitos, tem tensões, também tem divisões inexplicáveis e injustificáveis. Isso é uma discussão que vem também... Dentro do marxismo, é uma discussão antiga. Não é só a ideologia dominante que é calcificada; a ideologia dominada também é. As pessoas... No Brasil ocorreu isso. Eu acho que foi durante a década de 1970. De tanto estudar a cultura popular, de tanto querer que o povo fosse a saída, as pessoas começaram a achar que o povo era puro, santo, bom, belo, tudo de bom, e com isso se perdeu essa possibilidade de trabalhar mais o que vem a ser esse popular, o que vem a ser essa possibilidade de uma maior presença cívica dessa população, transformada numa população mais organizada, que vai dar nos erros do PT. Eu não tenho a menor dúvida que os erros do PT decorrem disso. Não do Lula. Os erros do Lula é outro problema. Mas os erros dentro do PT **[inaudível]** essa visão um pouco... muito cristã demais...

C.C. – Sim, que, na sua formação, tem as Comunidades Eclesiais de Base, muito fortes...

A.Z. – Pois é, exatamente.

C.C. – ...e também a intelectualidade de esquerda.

A.Z. – Sim, o Carlos Brandão... Você conhece o Carlos Rodrigues Brandão?

C.C. – Carlos Rodrigues Brandão. Conheço de... Ainda não entrevistei, não.

A.Z. – Ele é o epíteto disso. Ele é uma pessoa... Ele é tão bom, é uma pessoa tão boa, é cheio de amigos, mas é aquela coisa... aquele culto ao popular. É impressionante. É uma coisa religiosa, mesmo.

C.C. – Lá na Unicamp, você ficou vinte anos, que a gente falou, e depois do doutorado...

A.Z. – Estou falando demais.

C.C. – Não, não. Está ótimo. Depois do doutorado, você ficou mais uns dez anos lá, talvez? Aí você tem a mudança para a Uerj, para [o Instituto de] Medicina Social.

A.Z. – É, eu fui convidada para ir para a medicina social.

C.C. – Como é que foi essa mudança de instituição? Depois você sai da Unicamp...

A.Z. – Ficar vinte anos na Unicamp foi muito duro para mim, por causa dos meus filhos. Como meus filhos sofriam com a ausência do pai, dos primos...

C.C. – Eles moravam com você em Campinas?

A.Z. – É. Pai, primos, tios, avó, avô, como estavam todos no Rio de Janeiro e eles sofriam muito com isso, o que eu fiz? Eu resolvi levá-los para o Rio, onde eles ficavam na minha casa, com a minha mãe, e eu viajava toda semana para Campinas. Só que eu não tinha dinheiro para viajar de avião; eu viajava de ônibus. E é interessante, porque era ônibus da Cometa, e são umas sete ou oito horas, nove horas às vezes, quando ia por São Paulo, e você sabe que eu escrevi um monte de coisa por causa disso? Porque eu ia lá naquela viagem, eu não estava nem

num lugar nem no outro, eu estava num limbo, eu não estava me preocupando com nenhuma das coisas comezinhas do dia a dia, e eu ficava elucubrando na cabeça... Foi um período muito, muito criativo, mas muito duro, muito pesado. Eu vivia exausta. Eu tive tuberculose.

C.C. – Ah, é?

A.Z. – É, tive tuberculose. E foi até uma coisa bem desagradável, porque eu tinha sempre uma febrinha todo fim de tarde, e aí o diagnóstico era de toxoplasmose, que eu havia tido no início dos anos 1980. Ele disse: “Ah, não, você não curou, está aí”. E só me dando sulfa, sulfa, sulfa. E eu num cansaço horroroso, com uma febrinha no final do dia, e chegou um momento que eu já não estava aguentando mais e eu pedi licença lá na Unicamp, com vencimentos. Ih! Mas foi um escândalo. Diziam que eu era... que eu queria ficar de folga, que não sei o quê.

C.C. – Achavam que era uma farsa sua?

A.Z. – É. E aí, como o médico tinha me dito “Olha, Alba, você tem que ficar muito ao ar livre”, eu fui para Nogueira, fiquei lá em Nogueira. Eu já estava casada com o Vicente Barreto, que tinha uma casa em Nogueira. Fiquei lá em Nogueira, no sol e tal. Voltei queimada da montanha. Aí os caras me acusaram... “Fica na praia. Pediu licença de saúde para ficar na praia.” [riso] Carioca, não é? Esses preconceitos. Bom, eu fiquei boa, e só anos depois é que o meu médico clínico, que não era o médico lá de Campinas, que ficou insistindo que era toxoplasmose, disse: “Alba, você teve tuberculose. Você tem uma cicatriz no seu pulmão”. Foi assim que eu soube que eu tive tuberculose.

C.C. – Acabou curando sem saber.

A.Z. – Pois é. Por causa da sulfa – provavelmente, a sulfa ajudou – e também por causa do ar de... Nogueira é do lado de Corrêas, que é um centro de cura de tuberculose. Você sabia?

C.C. – Tem razão. Interessante.

A.Z. – É mais seco. É frio e seco.

C.C. – E aí você, como é que começou a frequentar a medicina social da Uerj?

A.Z. – Isso aí é a história do MDB, porque eu frequentava as reuniões do MDB. É o pessoal da praia. É o mesmo grupo da praia, reunião do MDB, o pessoal que foi trabalhar com o Raphael de Almeida Magalhães no Ministério da Previdência, e era um pessoal também que eu frequentava, ia nas reuniões deles, nas festas e tal, e eu conhecia bastante. Porque praia é uma instituição. Agora eu não sei como é que anda, mas na minha juventude era uma instituição. Você ia todo fim de semana na praia. E depois da praia tinha o almoço, e depois do almoço tinha as festas. Então as pessoas... Era uma interação bastante intensa. E aí eu discutia muito essas coisas de pobreza. Eles me chamavam às vezes para falar sobre questões relativas à pobreza e tal. E aí apareceu a possibilidade de eu ficar lá como professor visitante. E foi assim que eu comecei. Eu fiquei um período com uma bolsa de professor visitante e ainda na Unicamp. Mas eu já não aguentava mais as viagens – estava exaurida – e eu comecei a pensar em me aposentar na Unicamp. E eu já tinha anos para isso, porque eu fui professora primária três anos.

C.C. – Ah, é?

A.Z. – É.

C.C. – Você não falou disso.

A.Z. – Pois é. Devia ter falado. É uma experiência também legal. Eu fui professora, então, eu tinha três anos; depois, contava todo o período que eu tive de bolsa, inclusive o período que eu passei na Inglaterra com bolsa; mais os vários empregos que eu tive... Somando tudo. Eu tinha guardado tudo. Porque essas coisas, a gente tem que ter cuidado mesmo. E aí eu mandei tudo isso lá para o SRH da Unicamp. E não é que eu descobri que eu podia me aposentar? Me aposentei, logo depois de ter feito o concurso para livre-docente. Ainda cheguei a fazer o outro concurso, mas o Paulo Sérgio Pinheiro não foi e acabei não obtendo o MS-5.

C.C. – Não foi...? Como assim?

A.Z. – Ele era da banca e ele não foi.

C.C. – Não foi à banca?

A.Z. – Não foi à banca.

C.C. – E aí não aconteceu a defesa.

A.Z. – Então eu me aposentei como MS-4, que é professor livre-docente. Mas quando você se aposenta, você sobe um degrau, aí é mesmo como MS-5.

C.C. – Entendi. Mas ele não foi de propósito ou esqueceu?

A.Z. – Não sei. Não sei. Porque eu já estava nessa briga com o pessoal dos direitos humanos, dizendo que não era bem assim, que tinha que ver o problema do tráfico de drogas, do tráfico de armas, principalmente, que se a gente não atacasse por aí, não ia resolver o problema no Brasil. E eu acho que eu tinha uma certa razão, porque olha só o que está acontecendo. O PCC está dominando. O Comando Vermelho agora... Tornaram-se facções nacionais. Só isso. Se tivessem se preocupado com isso lá nos anos 1980, talvez a gente não estivesse enfrentando essa situação. Não sei.

C.C. – Bom, na medicina social, logo em 1995 você vira titular, na Uerj, não é?

A.Z. – Eu entro como professora... Fiz concurso para a medicina social, depois que acabou essa bolsa. Depois que eu me aposentei na Unicamp, eu fiz concurso, entrei como professor assistente... sei lá, uma coisa lá qualquer, não me lembro mais o que era, e logo depois o pessoal lá do PPCIS me chamou para fazer o concurso de titular e eu fiz e fui aprovada. Então eu fiquei como professor titular. Aí eu fiquei trabalhando no PPCIS e no Instituto de Medicina Social. Também foi uma barra pesadíssima, porque eu dava aula num e noutro, eu tinha aluno de um e de outro. Foi uma confusão.

C.C. – E ficou vinte anos quase, também, não é?

A.Z. – Não. Na Uerj, eu fiquei vinte anos, mas nessa situação dos dois, fiquei uns dois ou três anos só. Aí não aguentei também e aí resolvi ficar só no IMS, porque era muito conflito no PPCIS, muito conflito.

C.C. – Conflito entre os professores?

A.Z. – É. E no Instituto de Medicina Social tinha aquela coisa da... Você sabe que a saúde pública é um partido político. Era, não é? Porque agora também estão mais desorganizados. Mas era. Era fortíssimo. E eram muito solidários, também, internamente. Eles tinham uma preocupação política coletiva que eu não via no PPCIS. Não sei como está hoje, mas nessa época não tinha.

C.C. – E lá você criou o...

A.Z. – O Nupevi.

C.C. – O Nupevi – Núcleo de Pesquisa em Violências. E continuou com o tema da violência, não é?

A.Z. – Sim. Aí já com a ajuda de colegas meus que eram epidemiólogos, que lidavam com essas questões do ponto de vista estatístico. Então eu comecei a desenvolver uma multidisciplinaridade – que eu acho que é fundamental, quando você estuda a violência. E aí fiz umas pesquisas bem interessantes. Fiz duas pesquisas de vitimização aqui na cidade do Rio de Janeiro: uma na cidade toda e outra só em favela. E dessas pesquisas saíram vários artigos, várias apresentações em congresso. E aí, depois, também, para interpretar a pesquisa de vitimização, nós chegamos à conclusão que nós tínhamos que estudar a localização dos domínios: que facção estava em que favela. Aí eu contratei uma equipe que já tinha trabalhado na pesquisa de vitimização, que é uma equipe de pesquisadores que trabalham sempre para [inaudível] do IBGE, que trabalham sempre para censo do IBGE, porque eles conhecem todas essas favelas, andam por tudo quanto é canto e tal, e eles é que fizeram essa pesquisa. Mas eu

tive muito pouca participação, não acompanhei, digamos, os passos do levantamento que eles fizeram dos domínios, então, eu estou sempre perguntando: será que eles fizeram direito?

C.C. – Mas você passou um tempo – um ano e meio, segundo o teu currículo – como assessora especial de Segurança Participativa da prefeitura.

A.Z. – Um ano e meio, nada: um ano.

C.C. – Um ano?

A.Z. – É.

C.C. – Como é que foi essa experiência?

A.Z. – Um belo dia, o Cesar Maia me telefona para almoçar com ele, me convidando para almoçar com ele, logo depois que ele tinha sido eleito para o segundo mandato dele. Segundo ou terceiro, não me lembro. Foi em 2001. Aí eu fui lá almoçar com ele num restaurante em Ipanema e notei que ele estava olhando quem estava em volta, um pouco me exibindo. Foi uma época que eu estive muito em evidência, por causa das pesquisas todas, aparecia muito na TV, na Globo... Já tinha a GloboNews? Nem me lembro mais. Acho que já tinha a GloboNews. Enfim, eu estava em evidência. Aí eu topei isso. Mas eu queria muito fazer alguma coisa, porque eu achava que, justamente, se a gente não resolvesse esse problema da formação desses jovens para a civilidade, nós não íamos resolver o problema da violência, só com polícia. Aí eu topei. Ele me perguntou se eu queria fazer um projeto nessa área de segurança, então, eu fiz esse projeto de segurança participativa, que era basicamente um projeto de mediação dentro das escolas do Rio de Janeiro. Aí fui. Chamei uma amiga minha que tinha uma experiência enorme, de lidar com jovens em vários projetos do Sesc – ela era funcionária do Sesc – e também é uma pessoa super dedicada. Aí chamei e fomos, Gilda e eu, para essa assessoria. Tudo muito bem, fiz o projeto, montei tudo, íamos nas reuniões da segurança participativa, íamos nas reuniões do prefeito, que eram mensais, imensas, terminavam depois de meia-noite. Também aprendi bastante. Também eram bem interessantes, porque conheci muita coisa sobre a cidade que eu não sabia e vi como é que se toca uma administração. Não é mole, viu? É muito

complicado e muito difícil. É um mundo que eu desconhecia, porque eu nunca tinha me metido em administração de nada, a não ser desses projetinhos que eu fiz. [A **gestação**]² é fácil, perto de um governo, não é? Mas aconteceu o seguinte, quando chegou nas reuniões com as professoras e diretoras, foi um total desastre.

C.C. – Por quê?

A.Z. – Porque elas não queriam ter mais trabalho. Elas acharam que tendo que fazer esses grupos de mediadores da paz... Porque a ideia era chamar os meninos mais problemáticos, aqueles que viviam sendo enviados para a secretaria, e transformá-los, depois de um preparo, uma formação, em mediadores. Eles é que iam mediar os conflitos que surgissem entre colegas, entre alunos e professores. Muito bem, nós fizemos em uma escola, porque a diretora quis, e foi um sucesso. Eu me lembro... Eu até conto isso no livro *Integração perversa*. No final do livro, eu conto essa história. Tinha um menino lá que era... Ele tinha cabelo branco, com 12 anos de idade. E a história dele era a seguinte: a mãe dele tinha sido assassinada por traficantes, o corpo dela esquartejado, colocados os pedaços na rua em que eles moravam – e ele viu tudo isso –, porque tinha namorado uma pessoa da outra quadrilha. A história era essa. Esse menino vivia na secretaria, mas ele, ao se sentir acolhido... Só o fato de ele ter contado isso para a gente já fez uma diferença enorme para ele. Ele contou a história, nós ouvimos, os colegas ouviram, e a gente demonstrou solidariedade e tal, amparou. No final dessas conversas todas que nós tivemos com ele, ele um dia disse... Não sei o que a gente perguntou... “O que vocês querem ser quando crescer?” A gente fazia umas conversas assim. E ele disse: “Eu quero ser professor. Eu quero ensinar isso que vocês me ensinaram”. Pronto. Mas foi um. Podia ter sido muito mais, não é?

C.C. – Mas essa experiência acabou com um ano, mais ou menos?

A.Z. – É. Porque aí eu vi que eu não estava indo a lugar nenhum. Aí começou o pessoal da... Tinha um pessoal da PM que estava sempre junto com o prefeito que ficava dizendo coisas desagradáveis para mim, tirando um sarro, como se eu não entendesse nada de segurança, como

² O mais próximo que foi possível ouvir.

se o negócio fosse mesmo na porrada [e que] não ia resolver nada. Aquela visão que eles têm da guerra, da repressão. E eu senti que o prefeito estava mais ganho para essa posição do que para a minha. Tanto é que ele não fez nenhum esforço para fazer com que as diretoras aceitassem o projeto dentro das escolas. Aí eu fui embora. Vou ficar ganhando dinheiro para não fazer nada, para ficar ouvindo piadinhas sobre o meu trabalho? Eu não. Fui embora. Fui embora também porque eu fui convidada para dar aula em Stanford.

C.C. – Sim, sim.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

C.C. – Bom, mas aí você comentou que também, depois dessa experiência na prefeitura, teve o convite para ir para Stanford.

A.Z. – Isso.

C.C. – Em 2002, você passou alguns meses lá. Na cadeira Joaquim Nabuco, não é?

A.Z. – É.

C.C. – Como é que foi esse convite?

A.Z. – Joaquim Nabuco Chair. Olha, foi o... Tinha um cônsul do Brasil, que era o José Lindgren... Tem um outro nome. Ele escreve sobre direitos humanos. Tem vários livros sobre direitos humanos. É um diplomata brasileiro, era cônsul lá em San Francisco, e ele se juntou lá com um pessoal de Stanford que estava na casa, na casa onde a cadeira Joaquim Nabuco é preenchida, então, eles resolveram me convidar, e eu aceitei. Eu aceitei, mas fiquei lá só três meses. Por que eu fiquei lá só três meses? Porque eu sou uma idiota.

C.C. – Era quanto tempo que podia ficar?

A.Z. – Era um ano.

C.C. – E por que três meses?

A.Z. – Porque eu estava cheia de aluno aqui terminando o doutorado, e uma das alunas, que depois veio a me tratar muito mal, ela entrou em pânico, em desespero, porque eu ia viajar. Ela queria terminar a tese e tal. Eu sou desse tipo. Eu sou uma orientadora muito dedicada, eu trabalho muito junto com o aluno. Provavelmente, ela estava... E tinha uma certa razão para ficar em pânico, não é? Talvez seja até um problema que eu tenha, não deixar o aluno trabalhar... Eu já superei isso. Agora o aluno trabalha bem mais sozinho. Mas eram também alunos que chegavam às minhas mãos muito fracos, muito deficientes, ainda, que não sabiam escrever. Eu senti uma diferença enorme, quando eu fui para a Uerj, especialmente quando eu fui para o Instituto de Medicina Social, porque os alunos que me chegavam, que me procuravam eram alunos que não sabiam escrever direito, tinham uma formação em medicina social muito fraca. Era gente que vinha do serviço social, da enfermagem. Tive até um aluno que era dentista. Então eu tinha mesmo que me dedicar, senão eles não iam para frente. E agora não. Aliás, meus alunos fazem quase tudo sozinhos, eu interfiro muito pouco. Aí eu fiquei só três meses, para não deixá-los na mão.

C.C. – Mas gostou da experiência, não é?

A.Z. – Ah, sim! Todos viraram amigos. As teses estão todas aí publicadas pela Fundação Getulio Vargas. É uma coleçãozinha. Valeu a pena.

C.C. – [É uma coleção] que você coordenou, não é?

A.Z. – Foi.

C.C. – Com a Alzira ou a Marieta? Não me lembro mais.

A.Z. – Alzira.

C.C. – Alzira, ainda, que era a diretora. Bom, quando você se aposentou da Uerj, isso em 2012, se não me engano... Foi em 2012, pelo teu currículo.

A.Z. – Foi. Eu fui aposentada compulsoriamente, quando eu fiz 70 anos.

C.C. – E aí você passou a atuar no Iesp.

A.Z. – É.

C.C. – Já era Iesp, não é? Já.

A.Z. – Já era Iesp.

C.C. – Tinha acabado a transição.

A.Z. – Eles estavam justamente entrando na Uerj.

C.C. – Saindo do Iuperj e indo para...

A.Z. – Ainda estavam discutindo como é que isso ia se dar e tal. Já estavam dentro da Uerj, mas não tinha ainda a formatação, digamos assim, institucional. Então, eu cheguei justamente nesse momento. Eu acho que foi bom para eles, porque eu era professora titular da Uerj, e foi muito bom para mim, também, porque é um grupo muito interessante.

C.C. – No início, a relação com o Departamento de Ciências Sociais não era muito boa, não é?

A.Z. – Não.

C.C. – Porque tinha a questão de dar aula na graduação ou não dar.

A.Z. – Pois é. E tinha muita disputa desse tipo lá.

C.C. – Entre os que já estavam...

A.Z. – Todo mundo queria ir para Paris, ficar meses. Uma briga horrorosa: quem ia dar aula na graduação, que eram umas turmas enormes, muito trabalhosas. E também eu não sentia muito estímulo intelectual, como eu sinto agora no Iesp. Não tinha. Agora, já havia também uma certa visão... Essa visão percorreu toda a minha carreira como especialista em criminalidade e violência, que é a de uma pessoa da direita penal, como dizia o pessoal lá do Nilo Batista. O que era o pessoal da direita penal? Era o pessoal que não ficava só falando dos direitos humanos, o pessoal que não ficava falando só na violência policial. Eu falo. Vocês vão ver aí no meu livro. Tem um capítulo sobre a polícia, tem um capítulo só sobre a prisão...

C.C. – Qual livro que você está falando?

A.Z. – O livro do Ailton Batata, o livro que vai ser lançado no dia 1º de junho, que se chama *Cidade de Deus: a história de Ailton Batata, o sobrevivente*.

C.C. – Em 1º de junho? Agora?

A.Z. – Em 1º de junho.

C.C. – Vai ser lançado?

A.Z. – É, vai ser lançado. Espero vocês todos lá.

C.C. – Eu viajo no dia 1º de junho de tarde. É uma pena. Mas eu depois leio o livro e pego o seu autógrafo.

A.Z. – Está bom. Então... O que eu estava falando? Esqueci. Ah, sim!

C.C. – Direita penal.

A.Z. – Então eles já tinham essa visão que eu sou uma pessoa de direita, porque eu digo: “Olha aqui, mas tem esse problema aqui do tráfico de drogas que a gente não pode se esquecer. Isso aqui é uma organização capitalista globalizada. Não tem nada mais neoliberal do que isso, porque não tem nenhum controle sobre eles, eles lavam dinheiro direto, no mercado financeiro”. E eles não querem prestar atenção nisso. Aí eu nunca consegui compreender que esquerda é essa, que não quer prestar atenção a um negócio que, obviamente, está sugando a vida desses garotos, que se arriscam...

C.C. – Capitalismo selvagem.

A.Z. – Exatamente.

C.C. – Selvagem mesmo.

A.Z. – Pois é. E suga a vida dessa garotada, que se arriscam, achando que estão virando homens porque botaram uma arma na cintura, arrumaram um monte de inimigos, têm que viver olhando para os lados, porque pode vir tiro de qualquer lugar, entram em conflito com a lei, com a polícia, com a justiça. A vida deles é um inferno, Celso. Aí me acusaram um dia... “Ah, você diz que a vida deles é fácil”. Porque eles falam. Eu digo: “Não, isso é uma categoria deles. Dinheiro fácil. Não é vida fácil. Dinheiro fácil. É completamente diferente”. Dinheiro fácil por quê? Porque vende uma droga... malha um pouquinho, vende, pronto, eles enriquecem, ganham muito dinheiro, mas vai tudo assim... Vai embora.

C.C. – Vida curta.

A.Z. – Vai embora. Vai embora. Porque tem o cara que vende a arma, tem o advogado, tem o policial corrompido – porque eles pagam semanalmente. Está tudo institucionalizado. E aí vem me dizer que eu sou de direita? Ah, realmente, sabe, Celso!

C.C. – Agora, Alba, olhando... Bom, a situação da segurança pública, criminalidade, violência...

A.Z. – Outra coisa: você não pode fazer crítica ao Brizola, ao governo Brizola. Eu faço. Não prestou atenção no negócio das armas. As armas invadiram as favelas. As favelas do Rio de Janeiro viraram paióis de arma. Tem arma enterrada em tudo quanto é canto. Como é que eu não vou falar disso?! Nós estamos enfrentando as consequências disso. Eu digo: “Não, o Brizola fez um ótimo serviço, botou uma...”. Tem um setor de psicologia na PM. Foi uma coisa importantíssima para a PM. Mas não bastou. Os PMs estão estressadíssimos, por conta dessa guerra, essa guerra às drogas, que também não resolveram. A política continua sendo a política de guerra às drogas. Olha só o que aconteceu lá em São Paulo! E não prestam atenção no tráfico de armas. É a arma que está matando essa garotada; é a arma que está matando o policial, também, que, aliás, alguns levam.

C.C. – Você falou da arma já. Se fosse perguntar assim, Alba... Agora, uma pergunta como cidadão: tem jeito isso?

A.Z. – Tem.

C.C. – Porque a gente pensa, de um lado, o PCC, o Comando Vermelho e tal, do outro, a polícia é corrompida, as penitenciárias, uma tragédia. Por onde começa? Você acha que arma, o controle de armas é um...?

A.Z. – Força-tarefa para estudar o tráfico de armas; mudança da política de drogas... Isso tem que mudar, tem que legalizar. Não pode continuar assim. E aí acabar a roubalheira lá em cima, também. Vamos combinar, está certo? Porque roubam e aí não sobra dinheiro para a saúde, não sobra dinheiro para a educação, então, a formação dos professores é muito ruim, não tem renovação nas escolas, não tem como você fazer os projetos sociais direito nas favelas, então, essa garotada fica embarcando numa canoa furada, achando que está virando homem porque botou uma arma na cintura. Isso que está acontecendo. Quando você interrompe essas coisas todas, aí vai... Seca. Seca. Essa fonte desses lucros todos vai secar. Porque a fonte do lucro do policial corrupto é a mesma do traficante que enriquece, é a mesma do advogado criminal, que também ganha com isso.

C.C. – Droga e arma.

A.Z. – Droga proibida mais armas. E aí vamos combinar também que reprimir o usuário é a pior política possível. Eu sei que agora, com o crack, é muito mais difícil. Mas Nova Iorque conseguiu. Como é que Nova Iorque conseguiu? Qualquer metrôzinho que você entrasse, qualquer lugar onde tinha uma aglomeração, você via um cartaz sobre crack: “Porque você não deve usar crack”. E outro, do lado: “Procure uma agência para se tratar, por causa disso, disso, disso. É isso, isso, isso que está acontecendo com seu cérebro”. Enfim, era uma coisa que ocupava todos os espaços. Todo mundo comprometido com isso. Não foi... Prenderam alguns usuários, em alguns estados, mas em Nova Iorque não foi com a prisão dos usuários; foi com essa política mesmo de recuperar. E recuperaram. E acabou. A tal da epidemia do crack, que seria uma coisa impossível de resolver, resolveram. Não tem mais epidemia do crack em Nova Iorque.

C.C. – Bom, hoje está...

A.Z. – Tem usuários, que continuam usando, mas eles frequentam esses locais, onde eles são atendidos, para quê? Para controlar o uso. Para não deixar que o uso os leve à Cracolândia, para eles ficarem lá, daquele jeito, roubando, para ter uma outra dose, tendo relações sexuais promíscuas. Quem é que é feliz assim? Ninguém é feliz. A vida deles também é um inferno. Por isso que eles têm necessidade de cada vez mais usar o crack, para fingir que vão ficar felizes. Ficam se enganando e, ao mesmo tempo, criando um inferno em volta deles. Tem solução.

C.C. – É ótimo ouvir isso.

A.Z. – Tem solução. Há trinta e oito anos eu estou tentando convencer as pessoas de que tem solução. [riso] Mas eu não vou desistir. Tem solução. A pergunta é: o Brasil tem solução? Chegaremos a um Estado democrático de direito um dia? E aí meus coleguinhas que estudam as instituições é que vão resolver essa parada. Porque é óbvio que a Polícia Militar tem que ser transformada. Isso não tem a menor dúvida. Mas o fato de ela ter esse nome não é o que me incomoda. O que me incomoda é o fato de eles continuarem sendo preparados para fazer uma guerra. É isso que é ruim. O que é ruim também é o fato de ter uma hierarquia militar que não

combina com a atuação policial, que tem que ser baseada principalmente na inteligência, na articulação, na troca de informações. Como é que você...? O soldado não conversa com o coronel. Tem tantas hierarquias, o canal de comunicação é tão complicado que o praça nunca vai dizer o que viu na rua para um coronel direito. A não ser que o coronel ordene. E obviamente que o praça pode, quando ordenado, não dizer exatamente o que ele viu. Inventar uma história, para ganhar prestígio junto do coronel. A polícia não pode funcionar dessa maneira. Agora, ficar com essa história de acabar com a Polícia Militar e jogando coisas em cima da Polícia Militar, isso só faz os caras ficarem cada vez mais estressados e mais, também, desiludidos e achando que não tem jeito. Se ficar todo mundo achando que não tem jeito, então, partimos para o suicídio coletivo, não é?

C.C. – Mas você acha que tem jeito, então...

A.Z. – Eu acho.

C.C. – ...já fico um pouco mais tranquilo.

A.Z. – Eu acho. A luta é dura, mas tem jeito.

C.C. – Alba, a gente...

A.Z. – Está bom.

C.C. – Bom, excelente. Eu só queria não deixar de fazer uma última pergunta, de curiosidade, porque eu fiz para várias pessoas desde o início e isso virou um hábito. Se você tivesse que destacar algum livro que te marcou, em toda a tua vida, alguma leitura, algum livro, alguma coisa que foi de muito impacto, o que te viria à mente, assim, de susto?

A.Z. – Shakespeare.

C.C. – Shakespeare?

A.Z. – Adoro. Sempre li. Eu gosto muito da literatura inglesa, também, que eu me habituei a ler lá em Manchester, então, tem vários romances que me marcaram muito. Agora, nas ciências sociais, tem dois autores que me marcaram muito e os quais eu sempre volto: um deles é o Norbert Elias – certamente, o que mais está presente nos meus trabalhos – e o outro é o Stuart Hall, que fala umas coisas interessantíssimas sobre cultura popular e acaba com essas ilusões a respeito da cultura popular, primeiro, dizendo que a cultura popular já deixou de existir há muito tempo, nós estamos em outra era. Quem mais? Tem tanta gente que eu li. Eu gosto muito dos autores do Mouvement Anti-Utilitariste dans les Sciences Sociales (Mauss). Conhece?

C.C. – Sim.

A.Z. – Então. Eles têm umas... Até eu fiz com que publicassem um livro de um deles aqui na Fundação Getulio Vargas, que é um livro sobre a dádiva³... Gente, esqueci!

C.C. – A gente descobre.

A.Z. – Jacques Godbout, é o nome dele, e o livro é alguma coisa sobre a dádiva. Eu sou um pouco assim, eu estudo violência, mas eu gosto mesmo é de solidariedade, amizade, amor, reciprocidade... É esse o meu barato. Marcel Mauss é outro que também me influenciou muito. E tem os marxistas mais pesados. O Stuart Hall, tem uma ligação muito forte, mais forte do que o Norbert Elias, porque o Norbert Elias mistura Weber com Marx, com Freud. Ele faz uma mistura bem interessante. Eu gosto muito dele, acho muito criativo. Mas do lado dos marxistas é o Gramsci, que também teve uma importância muito grande na minha formação. É isso.

C.C. – Então, está ótimo.

A.Z. – Aí tem uns historiadores ingleses que eu gosto muito, também: o Eric Hobsbawm... A minha formação realmente é sobretudo inglesa. É muito mais inglesa do que francesa ou americana.

³ *O espírito da dádiva*, Rio de Janeiro, FGV, 1999.

C.C. – Está ótimo, Alba.

A.Z. – Está bom?

C.C. – Muito obrigado pela colaboração.

A.Z. – De nada.

C.C. – Foi um prazer entrevistá-la.

[FINAL DO DEPOIMENTO]